



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
GABRIEL AZEVEDO CRUZ

**O REALISMO EM *DA CERTEZA*, DE WITTGENSTEIN: PROPOSTA DE
INTERPRETAÇÃO A PARTIR DOS *INSIGHTS* DE MARKUS GABRIEL.**

Seropédica

1º semestre de 2023



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

GABRIEL AZEVEDO CRUZ

O REALISMO EM *DA CERTEZA*, DE WITTGENSTEIN: PROPOSTA DE INTERPRETAÇÃO A PARTIR DOS *INSIGHTS* DE MARKUS GABRIEL.

Monografia apresentada ao Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), para a obtenção do Título de Licenciado (a) em “Letras: Português-Inglês-Literaturas” ou “Letras: Português-Literaturas”.

Orientador(a): Prof. Dr. Rodrigo Pinto de Brito

Seropédica

1º semestre de 2023

FOLHA DE APROVAÇÃO

O REALISMO EM *DA CERTEZA*, DE WITTGENSTEIN: PROPOSTA DE INTERPRETAÇÃO A PARTIR DOS *INSIGHTS* DE MARKUS GABRIEL.

GABRIEL AZEVEDO CRUZ

Monografia defendida e aprovada no dia ____/____/____.

BANCA AVALIADORA:

PROF. DR. Rodrigo Pinto de Brito – Orientador(a) – (DFIL/UFRRJ)

PROFA. DRA. Renata Quintella de Oliveira – Examinador – (DLC/UFRRJ)

PROFA. DRA. Guadalupe Reinoso – Examinadora Externa – (Universidad Nacional de Córdoba - Argentina)

Dedicatória

Para todos aqueles que pensam por si mesmos em detrimento dos padrões de pensamento socialmente impostos e que, muitas vezes, encontram-se sem pares: em frente!

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiro, a Deus, porque nada foge do domínio da sua vontade.

Agradeço à minha família, especialmente à minha mãe, Sônia Silva de Azevedo, que me encorajou em todos os momentos, proporcionando todo o auxílio possível - abrindo portas para que eu me dedicasse à leitura, escrita e estudo acadêmico - me suportando mesmo quando eu me fiz o mais insuportável.

Agradeço ainda a todos os amigos com os quais conversei sobre temas instigantes que me levaram, enfim, a refletir sobre tópicos filosóficos profundos - conversas essas que acabaram por produzir um imenso impacto na minha formação. Dentre estes gostaria de mencionar: Gerson Leal, John de Miranda, André do Nascimento, Miguel Ângelo, Gabriel Esch, Luis Felipe Barchinski, Matheus Knup, Victor Ribeiro, Milena Goes, Carolina Yatuhara, Samuel Souza e, mais recentemente, João Victor Vial.

Agradecimentos especiais são devidos à querida Ana Carolina Cruz a quem, dentre todos estes, estou em dívida incalculável. Isto porque, apesar de conhecer minhas maiores faltas, demonstrou-se companheira inalienável e inestimável - fonte de alegria, alívio e paz. Desejar tudo de bom é ainda muito pouco. Mas é, ainda assim, um bom começo. Portanto desejo exatamente isto a ela.

É necessário ainda externar minha gratidão para com todos os professores com quem tive aulas nestes anos como discente do curso de letras na UFRRJ, dos quais é necessário destacar, primeiro, Roberto Bozzetti por me conduzir (involuntariamente) para a filosofia indicando aos alunos Platão como leitura. Agradeço ainda aos professores de linguística, especialmente à Fabianne de Melo e Wagner Costa por me revelarem as belezas da linguagem humana. Agradeço ainda aos professores do curso de filosofia, especialmente a Luiz Philipe de Caux, por guiar-me pelos meandros do idealismo alemão sempre com entusiasmo, didática e gentileza e, enfim, ao professor Alessandro Duarte por ter me tolerado como seu aluno em quatro matérias, sempre solícito, prestativo, paciente e amável.

Em relação aos professores, enfim, faz-se necessário que eu destaque meu orientador, o professor Rodrigo Pinto de Brito que depositou em mim sua confiança para desenvolver duas pesquisas de iniciação científica em uma área distinta daquela que cursei e que, não obstante, ofereceu liberdade criativa em conjunção com conduções, reajustes e chamadas de atenção brandas que constituíram a melhor parte de minha graduação. Hoje creio ter nele um amigo, mestre e aliado para a vida inteira. Vivas ao Neopirronismo Suburbano!

Ainda é necessário agradecer às Professoras Guadalupe Reinoso e Renata Quintella por disporem-se, com sua robustez acadêmica, a participar da banca na qual avaliou-se o presente trabalho. Admiro-as ambas - a Renata por suas aulas instigantes e reflexivas e a Guadalupe por sua produção profícua sobre temas que tanto me admiram (thaumazein!).

Agradeço, finalmente, ao CNPQ pelas duas bolsas de iniciação científica que me foram oferecidas, das quais textos e artigos foram derivados.

E a todos que cruzaram meu caminho pelos últimos anos, porque nada foi em vão!

“Reality no longer battles perception!”

-A Greater Foundation, by: As I Lay Dying

RESUMO

A presente monografia almeja reconstruir a relação que há entre Wittgenstein em *Da Certeza* e o movimento filosófico que atende pelo nome “realismo”. Neste sentido, primeiro, buscamos analisar com maior cautela o que pode significar o termo “realismo” em filosofia, distinguindo ao menos três tipos de realismo: o “antigo realismo” ou “realismo ingênuo”, o “realismo especulativo” e o “novo realismo” - em tempo, apontaremos também a possibilidade de se defender um realismo e os conceitos que consideramos centrais no Novo Realismo de Markus Gabriel. Em seguida, buscamos compreender que, em vias gerais, Wittgenstein (em *Da Certeza*) é interpretado, quando observado em termos metafísicos, como um anti-realista, isto é, alguém que nega a possibilidade de um realismo bem formulado. Enfim, buscamos demonstrar que existem interpretações que vinculam Wittgenstein ao realismo, embora muitas sejam equivocadas e que, por outro lado, os conceitos centrais do “Novo Realismo” guiam Wittgenstein em sua guinada “proto-realista” (por assim dizer) já que, como desenvolvemos, ele parece estar numa aporia quando confrontado entre não tratar sobre o que existe, por um lado, e um temor de cair em uma metafísica reducionista por outro.

Palavras-chave: Wittgenstein. Certeza. Realismo. Novo Realismo. Realismo Especulativo. Markus Gabriel.

ABSTRACT

The present monography aims to reconstruct the relations between Wittgenstein in *On Certainty* and the philosophical movement called by the name of “realism”. In this sense, in first place, we sought to analyze with caution what are the meanings of “realism” in philosophy, distinguishing at least three types of realism: the “Old Realism” or “Naive Realism”, the “Speculative Realism” and the “New Realism” - in time we also pointed out the possibility to defend a realism and the concepts we consider central to Markus Gabriel’s New Realism. Then, we sought to show that, usually, Wittgenstein (In *On Certainty*) is interpreted, when seen through a metaphysical light, as an antirealist, that is, someone who denies the very possibility of a well formulated realism. Finally, we will try to demonstrate that there are interpretations that tie together Wittgenstein to a realism, although the very majority of them is mistaken and that, on the other hand, the central concepts of the “New Realism” guides Wittgenstein in his “proto-realist” (so to say) lurch because, as we developed in the text, he seems to be in a aporia between talking about what exists, on one hand, and falling back into a reductionist metaphysics on the other.

Keywords: Wittgenstein. Certainty. Realism. Speculative Realism. New Realism. Markus Gabriel.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Obras do Wittgenstein:

TLP – Tractatus Logico-philosophicus

IF – Investigações Filosóficas

DC – Da Certeza

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. DEFININDO “REALISMO”	12
3. OS WITTGENSTEIN PADRÃO	26
4. WITTGENSTEIN E O NOVO REALISMO EM DA CERTEZA	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41

1. INTRODUÇÃO

É possível defender que Wittgenstein em seu livro *Da Certeza* assume uma postura “Construtivista”, “Idealista”, “Perspectivista” e/ou “Antirealista” no sentido em que estas posições se opõem a um “Realismo”¹. O objetivo do presente trabalho é defender uma interpretação realista (ou quase) na obra final (por assim dizer) do filósofo Austríaco.²

Para tanto, recorreremos a insights que foram muito bem delineados por Markus Gabriel no desenvolvimento de sua filosofia original conhecida como “ontologia dos campos de sentido”³. Wittgenstein é citado ativamente em muitos momentos da obra de Gabriel servindo como base para uma gama não insignificante de suas ideias. cremos, assim como já o defendemos, que até mesmo o “Novo Realismo”, de Markus Gabriel, já fora, de antemão renunciado por Wittgenstein, o que significa dizer que não há aqui a introjeção de um conceito alienígena ao filósofo austríaco, mas, antes, o desvelar de uma parte da filosofia Wittgensteiniana que, argumentamos, passou, em geral, negligenciada e que, pelos desenvolvimentos do Novo Realismo, podem tornar-se claras⁴ - a aplicação aqui é como a de uma lanterna.⁵ Também utilizaremos a interpretação de Hutto que vincula Wittgenstein a um certo tipo de realismo.

Não obstante, comentadores renomados de Wittgenstein serão consultados tais quais Moyal-Sharrock (2016), Fogelin (2017) e Dan Hutto (S/D). Ainda sobre nossas bases bibliográficas, ao tratar do "realismo" utilizaremos autores como Alexander Miller (2021), Markus Gabriel (2011; 2012; 2015; 2014; 2016(a); 2016(b); 2018(a); 2018 (b); 2021; 2022(a); 2022 (b)), Maurizio Ferraris (2016), Graham Harman (2015) e Laureano Ralón

1Em *Transcendental Ontology*, Gabriel arremata esse argumento ao esclarecer que o sujeito deve existir, no entanto ele se torna base circular de si mesmo tornando-se inviável. Esta seria a crítica de Jacobi segundo a qual o idealismo Transcendental de Kant levaria à um niilismo (GABRIEL, 2011, p.xi)

2Como explicaremos mais adiante, dentre estes podemos citar (ainda que a contragosto): Williams (Hutto, 1996); Ritter (2020); DÍLMAN (2002).

3Os ensaios e livros de Gabriel que utilizamos foram os seguintes: *Transcendental Ontology* (2011); *O ser mitológico da reflexão* (2012); *Fields Of Sense* (2015); *Porque o Mundo não Existe* (2016); *O Sentido da Existência* (2016); *Eu não sou meu cérebro* (2018); *Neo-Existentialism* (2018); *O sentido do pensar* (2021); *Ética para tempos sombrios* (2022); *Is there a thing such as everything?* (2022) - além destes, também utilizaremos palestras como *Realism and Materialism* (2014) e textos em conjunto como aquele escrito ao lado de Zizek: *Por um retorno ao idealismo pós kantiano* (2012) e um mais recente escrito ao lado dos integrantes do “The New Institute”: *Towards a New Enlightenment* (2023).

4Esta articulação é similar àquela feita por Brito na articulação de seu Neo Pirronismo Suburbano, no qual Austin serve de lanterna na investigação do ceticismo antigo de Sexto Empírico (2022).

5Relembrando, a questão (2) é: Quais conceitos possibilitam que Gabriel postule um Realismo robusto?

(2022). Por fim, como não poderia deixar de ser, apresentaremos uma exegese de *Da Certeza* que justifique as correlações que estamos aqui traçando.

Isto posto, o que se segue são três capítulos que visam defender uma leitura realista (ou quase) de *Da Certeza*. No primeiro capítulo trataremos do conceito de “Realismo” problematizando-o a partir dos movimentos contemporâneos do Novo Realismo e do Realismo Especulativo. No segundo capítulo trataremos do fato de que o Wittgenstein de *Da Certeza* é, em geral, considerado como o oposto de um “realista” pela crítica padrão. Por fim, no último capítulo, buscaremos evidências em *Da Certeza* que indiquem que Wittgenstein se afilia à utilização dos conceitos tidos como basilares pelo Realismo (mais especificamente pelo Novo Realismo de Gabriel) que, no entanto, talvez não estivessem tão claramente articulados em Wittgenstein como um “realismo” *per se* - e, assim, se conseguirmos defender satisfatoriamente a presença destes conceitos na obra de Wittgenstein, talvez o filósofo austríaco seja melhor caracterizado como um “proto-realista”, isto é, um autor que possuía em germen todos os conceitos centrais do realismo atual sem, contudo, articulá-lo como realismo (por temor de recair em uma metafísica injustificada, como argumentamos).

2. DEFININDO “REALISMO”

Na filosofia em geral, termos que visam etiquetar movimentos, posicionamentos ou métodos tendem, quase sempre, a injustiças simplificadoras. Neste sentido, já abordamos em outro local, como os termos ceticismo/cético e idealismo/idealista são muitas vezes tomados como que abrangendo uma esfera homogênea de pensadores que, na verdade, não existe. Neste contexto, buscamos demonstrar como esta homogeneidade é ilusória e, portanto, há “Ceticismos” e “Idealismos”, no plural, que demandam, muitas vezes, um processo de desambiguação - para o qual objetivamos ser contribuintes com o artigo “Quem são afinal os céticos e o idealista no *Da Certeza* e porque isso importa” (BRITO; CRUZ, 2022). O termo “Realismo”, por ser da mesma classe de termos filosóficos, apresenta-nos armadilhas similares.

Isto posto, para que iniciemos nosso processo de definição de um termo complexo tal qual o é “Realismo”, podemos lançar mão da definição do “Realismo Genérico” presente na entrada Stanford ‘Realism’, onde se lê:

Generic Realism:

a, b, and c and so on exist, and the fact that they exist and have properties such as F-ness, G-ness, and H-ness is (apart from mundane empirical dependencies of the sort sometimes encountered in everyday life) independent of anyone’s beliefs, linguistic practices, conceptual schemes, and so on. (MILLER, 2021)

Esta definição aparenta-se sobremaneira ao que fora apontado em nosso artigo supracitado, a partir das críticas de Markus Gabriel, como a definição generalizadora de Meillassoux para o idealismo no sentido de que o filósofo francês quer apoiar um realismo distanciando-se da ideia de que não podemos ter certeza sobre se existem objetos independentes de sujeitos. Na definição de Meillassoux, o idealismo transparece como “correlacionismo” (nomenclatura do próprio filósofo) e é a tese segundo a qual existência objetiva e sujeito são inseparáveis (ao menos para nós). Embora não defendamos que todo idealismo seja um correlacionismo, de fato este idealismo criticado por Meillassoux transparece como um oponente do realismo (BRITO; CRUZ, 2022, p.47-48). Transcrevemos abaixo o trecho de Gabriel que critica a definição Meillassouxiana de “idealismo”:

Meillassoux subsume todas as formas de idealismo (...) na classificação de correlacionismo. (...) observemos primeiro mais de perto a definição de correlacionismo feita por Meillassoux:

Entendemos por correlacionismo a ideia de que acessamos sempre e exclusivamente a correlação entre pensamento e ser, e nunca um desses termos considerado de maneira independente do outro. De agora em diante chamaremos correlacionismo qualquer corrente de

pensamento que mantenha o caráter insuperável da correlação definida dessa forma. (...) O correlacionismo consiste em excluir a afirmação de que é possível considerar os reinos da subjetividade e da objetividade independentes um do outro.

Justamente na frase seguinte ele substitui “subjetividade” por “sujeito” e “objetividade” por “objeto”. (...) Isso levanta suspeitas de que Meillassoux não distingue aqui entre objetos e objetividade, tendência que poderia ser característica de algumas versões do idealismo epistemológico, por exemplo no primeiro Berkeley. (...) Meillassoux cai dessa forma em uma tentação natural que, de fato, foi característica do idealismo de Berkeley até Kant. (GABRIEL, 2016, p.69-70)

O importante na definição de Meillassoux, no entanto, é sua adesão ao “Realismo” (ou uma espécie dele), segundo distinguimos anteriormente. De fato, Meillassoux afilia-se ao movimento continental contemporâneo denominado “Realismo Especulativo” que possui como fundador mais proeminente Graham Harman (RALÓN, 2022, p.10). Na esteira do Realismo Especulativo surge o Novo Realismo que possui como co-fundadores Markus Gabriel e Maurizio Ferraris (2016(a), p.9). Assim, dados estes movimentos atuais, cabe a pergunta: porque se fez necessário que houvesse um “Realismo Especulativo” e um “Novo Realismo” se, em todo caso, já havia a disponibilidade do simples conceito de “Realismo”? Para que nossa pergunta possa ser respondida de forma um pouco mais precisa, é necessário que observemos melhor o que os próprios autores articulam sobre suas posições - e como opõem-nas ao “Realismo” em sua forma “pura”, ou melhor, em sua forma “genérica”.

Como veremos, justamente esta falta de maiores especificações acaba por conduzir os realistas à uma “metafísica injustificada”, e, portanto, as tentativas dos novos realistas e realistas especulativos giram em torno de não caírem em arbitrariedades reducionistas.

2.1 - O Realismo Especulativo e o Novo Realismo

Dada esta introdução, se faz necessário averiguar do que se trata o “Realismo Especulativo”. Quanto a isso, a revista Teccogs apresentou em um de seus números um dossiê que consistia no resumo descritivo de quatro obras fundacionais do realismo especulativo (ou “ontologia orientada a objetos” - OOO). Nesta, Clayton Policarpo apresenta a obra “Alien phenomenology” de Ian Bogost e, no decorrer de seu resumo, podemos ler a seguinte afirmação sobre o realismo especulativo:

O Realismo Especulativo é um movimento de base heterogênea, pois os autores que o integram partem de diferentes referências e perspectivas, trazendo em comum a necessidade de se superar o legado kantiano do correlacionismo e a busca por modelos alternativos de apreensão da realidade. (POLICARPO, *et alli*, 2015, p.34)

Segundo o intérprete, portanto, o objetivo fundacional do realismo especulativo é, justamente, opor-se ao “Correlacionismo”, como vimos definido em Meillassoux. Ora, a noção de “superar” indica que tais autores veem aquilo que cai no escopo do

“Correlacionismo” como um modo de abordagem (ou posição filosófica) razoavelmente padronizada no fazer filosófico do século XXI. Isto torna-se ainda mais explícito na apresentação da coleção editorada por Graham Harman do Realismo Especulativo, na qual se lê:

Since its first appearance at a London Colloquium in 2007, the Speculative Realism movement has taken continental philosophy by storm. Opposing the formerly ubiquitous modern dogma that philosophy can speak only of the human-world relation rather than the world itself, Speculative Realism defends the autonomy of the world from human access, but in a spirit of imaginative audacity. (HARMAN, 2015, p.3)

Assim, podemos inferir, de imediato, que o realismo especulativo não é exatamente um retorno ao “Realismo Puro” ou “Genérico”, porque leva em consideração o período de “supremacia” do “Correlacionismo”, por assim dizer. Gabriel atesta esta afirmação, por exemplo, na introdução de seu *Transcendental Ontology*, onde pode-se ler:

According to a widespread standard picture, modern philosophy is defined by an alienation of thought from being. While ancient metaphysics set out to grasp being as such, modern philosophy instead humbly investigates our access to being. In modernity, being turns into the external world, made up of objects suitable for an investigation more geometrico. Mind (thought) and world (being) come to be opposed as a result of a general (methodical) skepticism. Given that from this skeptical vantage point our access to the world appears such that it potentially distances us from what there is (being), it is at least prudent to secure the access to what there is prior to the somewhat naïve attempt to grasp being.¹ Modern philosophy thus seems to be defined as epistemology, which replaces ontology as prima philosophia. (GABRIEL, 2011, p.i)

Neste sentido os realistas contemporâneos consideram-se uma resistência contra a tendência (alegadamente) antirrealista da filosofia em seu estado da arte atual. As diferenças, no entanto, podem ser vistas já pelos nomes que foram dados aos movimentos. Por exemplo, a designação “especulativo” aponta para uma modéstia - assim como fora a modéstia que colocou a epistemologia no lugar da ontologia, segundo Gabriel. Por isso, realistas especulativos mantêm, ao lado do correlacionismo, uma modéstia. Isto significa dizer que não é o caso que críticas ao nosso acesso à realidade sejam de todo inúteis e devam ser ignoradas. No entanto, elas não seriam um impedimento que nos prende nos “fenômenos” em detrimento da “coisa em si” - há uma “audácia imaginativa” (Harman, supra), isto é, tais críticas podem ser superadas por meio de novas formas de argumentação. De fato, esse tipo de oposição (“fenômeno”/“coisa-em-si”) que aparece no trecho de Harman pode ser vinculado à Kant como o fez explicitamente Policarpo. Neste mesmo espírito, Markus Gabriel afirma que essa tese, o correlacionismo, é o que há de mais básico no idealismo transcendental de Kant e, por conseguinte, seu maior erro:

Como Kant lidaria com o problema da estátua de Buda? Ora, ele bem diria que uma estátua de Buda aparece para nós. E um X aparece para uma Cobra, e um Y para um morcego. Kant poderia designar todas as três variantes -

- 1) a estátua de Buda;
- 2) o X (a representação da cobra);
- 3) o Y (a representação do morcego);

- como fenômenos e descreveria aquilo que, independentemente das representações, simplesmente está lá e que, segundo Kant, também não pode ser conhecido independentemente de nossa consciência, como “coisa em si”. A principal tese absolutamente central de Kant, sem a qual todo seu edifício de pensamento desaba, enuncia, por isso, de maneira completamente consequente, que não podemos conhecer a coisa em si ou as coisas em si. A tese principal de Kant, ou seja, que nós apenas podemos conhecer fenômenos, mas não coisas em si, é chamada de idealismo transcendental. (Ibidem. 2018a, p.75-76)

Assim, também o Novo Realismo de Gabriel opõe-se ao “correlacionismo” de Kant que ele prefere nomear como “construtivismo” donde lê-se:

O construtivismo se baseia na suposição segundo a qual não existem fatos em si; antes todos os fatos são construídos apenas por meio de nossos múltiplos discursos e dos métodos científicos. O representante mais importante dessa tradição é Immanuel Kant. Ele afirmou que não temos como reconhecer o mundo como ele é em si. Não importa o que reconhecemos, esse reconhecimento é sempre também produto do ser humano (Ibidem, 2016a, p.11)

Neste contexto, o cofundador do Novo Realismo, Maurizio Ferraris, aponta que a disposição do Idealismo Realista de Gabriel trata de ser uma oposição a Kant: “a ação fundamental de Gabriel é ver no idealismo alemão não uma hipérbole especulativa que se distancia da sobriedade da crítica kantiana, mas uma forma de realismo que reage a Kant.” (FERRARIS, 2016, p.14). E o mesmo é atestado por Gabriel que referencia a Ferraris (e Meillassoux) de volta como um expoente dentre aqueles que, pelo realismo, opõe-se a Kant:

Como oportunamente destacou Quentin Meillassoux em *Arpès la finitude* [Depois da finitude], só agora começamos, lentamente, a autêntica revolução copernicana. Na verdade, ela não consiste em fazer o mundo depender do sujeito para dar bases sólidas ao conhecimento, como defendeu Kant, mas - e esta é a verdadeira analogia com o argumento astronômico - em integrar o sujeito no mundo. Com Kant, ao contrário, presenciamos uma revolução ptolomaica, uma vez que o mundo se torna dependente do sujeito. Para o filósofo de Königsberg, o Sol, ou melhor, o universo inteiro gira ao redor da Terra e, mais especificamente, ao redor de alguns de seus habitantes. (...) Como há alguns anos Maurizio Ferraris sugeriu, devemos nos despedir de Kant⁶, porque ele sobrevalorizar, de modo infundado, a suposta posição central do homem no cosmo, iniciando uma revolução ptolomaica. Na minha opinião, o erro de Kant resume-se à sua fundamental restrição da existência ao campo da “experiência possível”. De acordo com ele, tudo existe em um único âmbito, exatamente o da existência possível. O que vale como possível depende das estruturas do nosso acesso ao mundo. É possível apenas o que é acessível para nós. Kant considera, portanto, que o que é acessível para nós deve depender, pela sua

⁶É útil problematizar o fato de que nem todos consideram possível atribuir à Wittgenstein uma posição metafísica. Cremos, em contraste, que seu pendor metafísico é bastante aparente em suas asserções categóricas (como no *Tractatus*) e na ausência delas (como nas *Investigações*). No entanto, retornaremos a esta problemática em outro trabalho e, por enquanto, seguimos os autores que creem ser possível observar posicionamentos metafísicos em Wittgenstein como algo dado, ou ao menos plausível.

existência, de nós. Mas assim se distancia muito do objeto demonstrativo que se propôs. Contra a própria vontade, ele mesmo propõe uma ontologia que, em uma passagem bem conhecida, havia acusado de excessivo otimismo. Respondendo à pergunta sobre o que é a existência, ou seja, o que significa “existência”, sua suposta “modesta” filosofia transcendental revela-se uma ontologia do sujeito. No fundo, para Kant nada existe sem a existência de um sujeito. (GABRIEL, 2016a, p.26-28)⁷

Assim, o Idealismo Pós-kantiano (isto é, de Fichte, Schelling e Hegel) na guinada realista de Gabriel trata, segundo o autor da “Ontologia Transcendental” -ou seja, trata da investigação das condições ontológicas para que haja condições de acesso (Ibidem, 2011, p.ix). Esta seria, por sua vez, uma tese já aventada em sua primeira publicação ao lado de Žižek. Nesta, lemos os filósofos defenderem que não é o caso que nós acessemos as coisas “como se fossem” inconsistentes, mas que “a própria coisa é inconsistente” (GABRIEL; ŽIŽEK, 2012, p.23). No mesmo espírito, mais tarde, Gabriel afirma claramente: “a ontologia é e permanece, penso eu, a disciplina central da filosofia. a lógica, a epistemologia, e a filosofia prática obtêm da ontologia a ordem e a validade de suas argumentações.” (GABRIEL, 2016b, p.28).

A ideia de “realismo” no Idealismo Pós-kantiano, portanto, advém do pensamento segundo o qual, se há um ser humano, é preciso que ele seja um ser humano na realidade (existente realmente), e, assim, formular teorias ignorando a verdade de que estamos cercados por fatos de base (condições de possibilidade) que permitem nossas cognições e vidas subjetivas constitui meramente auto-engano. Por isso, afirma: “A filosofia da natureza de Schelling insiste, em oposição à filosofia do Eu de Fichte, que seres vivos espirituais que se identificam como um Eu e que podem, dessa maneira, conseguir saber sobre a natureza, não caem do céu”, mas antes, “no ser humano a natureza abre os olhos” (Ibidem, 2018a, p.206, 210).

Cabe agora, portanto, compreender porque há a necessidade de um “Novo Realismo” para além de um “Realismo Especulativo”, isto é, não poderiam Gabriel e Ferraris simplesmente filiar-se ao movimento do Realismo Especulativo?

De imediato, Gabriel afirma que “O Novo Realismo descreve uma postura filosófica que pretende designar o que vem depois do chamado “pós-modernismo”: “A princípio, o Novo Realismo nada mais é do que o nome para a era depois do pós-modernismo.” (Ibidem, 2016a, p.9). Em “o sentido da existência”, por sua vez, há uma apresentação mais profunda da

⁷⁰ O livro *Goodbye, Kant!* de Ferraris é elencado por Gabriel no prefácio de *Fields of sense* ao lado de *After Finitude* de Meillassoux, *Mind and Cosmos* de Nagel, *Fear of knowledge* de Boghossian e seu próprio *Why does the world not exist* como responsáveis por um renascimento do realismo filosófico na Alemanha. (GABRIEL, 2015, p.xi)

noção onde a mesma é aproximada de um “hiper-realismo” onde acessamos, sempre, a realidade sendo ela mesma multívoca: “O que para os pós-modernos parecia ser uma espécie de alucinação multívoca, para nós é simplesmente a realidade. Não são suspeitos os fatos como tais, mas as nossas interpretações deles.” (Ibidem, 2016b, p.22) o que complementa-se, finalmente, pela definição dada pelo glossário de *Porque o mundo não existe*:

NOVO REALISMO: A tese dupla segundo a qual nós podemos reconhecer coisas e fatos em si e segundo a qual as coisas e os fatos em si não pertencem a um único campo de objetos. (Ibidem, 2016a, p.197)

Neste sentido, o Novo Realismo de fato assere, como o antigo realismo, que reconhecemos fatos em si (“coisas em si”). Por outro lado, no entanto, o Novo Realismo não aceita o reducionismo, isto é, a ideia de que tudo o que existe pertence “a um único campo de objetos” (ibidem). Aqui insere-se a diferença entre o Novo Realismo e o “Realismo Puro” - Isto porque o “Realismo Puro” ou “Genérico”, (como estamos designando), não rejeita a noção de que haja uma totalidade homogênea de coisas regulamentada como um todo - e, na verdade, a maioria dos realistas haveriam caído precisamente neste tipo de conceituação da realidade (Ibidem, p.13). O Novo Realismo rejeita esta tese como evidência de um reducionismo - precisamente este pressuposto seria a raiz das falhas consecutivas de postulações realistas: “Assim, segue no ocidente a quase três mil anos um descobridor de fórmula universal ao outro: desde Tales de Mileto até Karl Marx ou Stephen Hawking.” (Ibidem, p.18)

Por este exato motivo, podemos atestar que a mesma tensão com o reducionismo do “Realismo Genérico” em relação ao “Novo Realismo” reaparece como tensão entre o “Novo Realismo” e o “Realismo Especulativo”, justamente porque este segundo não possui uma delimitação que exclua a possibilidade do reducionismo. Harman, por exemplo, defende que há uma natureza profunda dos objetos (o Tool-being) que define cada objeto como sua realidade profunda (como sua realidade “mais real”) (2002, p.4-10); Ora, segundo os diagnósticos de Gabriel são justamente essas “hipergeneralizações” reducionistas que levaram o “Realismo Puro/Genérico” ao fracasso - ele não está blindado contra este tipo de proposição. Gabriel chama o “realismo puro” que envereda-se por essas linhas de argumentação de “realismo antigo” ou apenas “metafísica”⁸.

⁸Na introdução de *Fields of sense* vemos o exemplo do monte Etna onde, ao invés de opor-se ao construtivismo e à metafísica, Gabriel opõe o “Novo Realismo” ao “Antirrealismo” e ao “Antigo Realismo” onde os termos assumem os papéis, respectivamente, do “Novo Realismo”, do “Construtivismo” e da “Metafísica” no exemplo do Vesúvio. Acontece que em *Fields of sense* Gabriel distingue a metafísica em duas vertentes - uma metafísica forte que busca estudar o mundo enquanto mundo, e uma metafísica mais fraca que

Outra distinção importante entre o Realismo Especulativo e o Novo Realismo é que, para o segundo, o Realismo não é mera especulação, mas um fato dado e cabal. assim, poderíamos defender que, para Gabriel, há no Realismo Especulativo há dois problemas imediatos: uma modéstia indevida⁹ e a não resolução do principal problema do Realismo Metafísico: a postulação de um reducionismo metafísico. Seguindo, portanto, as consequências de seu argumento, Gabriel difere explicitamente o Novo Realismo do Realismo Antigo (e do pós-modernismo construtivista) no início de seu *Porque o mundo não existe*:

Para entender em que sentido o Novo Realismo representa uma nova postura diante do mundo podemos recorrer a um exemplo simples: Suponhamos que uma moça chamada Astrid se encontre em Sorrento e esteja olhando para o Vesúvio, enquanto nós (ou seja, você, prezado leitor, e eu) estamos em Nápoles também olhando para o Vesúvio. nesse cenário existe portanto, o Vesúvio - o Vesúvio visto por Astrid (em Sorrento) e o Vesúvio visto por nós (em Nápoles). A metafísica alega que, nesse cenário, existe um único objeto real, o Vesúvio. No nosso caso, este está sendo contemplado por uma pessoa em sorrento e por outras em Nápoles, o que pouco importa ao Vesúvio. O Vesúvio não se importa com quem se interessa por ele. Isso é metafísica.

O construtivismo, por sua vez, pressupõe a existência de três objetos nesse cenário: o Vesúvio da Astrid, o Vesúvio do leitor e o meu Vesúvio. Por trás destes não existe nenhum objeto, certamente nenhum objeto que nós poderíamos reconhecer.

O novo realismo, porém, acredita que existem pelo menos quatro objetos nesse cenário

- 1) O Vesúvio.
- 2) O Vesúvio visto de Sorrento (perspectiva de Astrid).
- 3) O Vesúvio visto de Nápoles (perspectiva do leitor).
- 4) O Vesúvio visto de Nápoles (minha perspectiva).

É fácil entender porque essa opção é melhor. (GABRIEL, 2016a, p.12-13)¹⁰

Neste sentido, Gabriel opõe-se ao Kant anteriormente descrito e aos realistas metafísicos ao asserir categoricamente: “Tanto a metafísica quanto o construtivismo fracassam em virtude de uma simplificação injustificada da realidade, pois entendem a

correlaciona-se à ideia de que há algo para além do físico e também que há algum nível de veracidade na distinção entre aparência e realidade - Gabriel seria um metafísico no segundo sentido (Gabriel, 2016b, p.xi, p.26[nota 17]). Vale mencionar que o exemplo do Vesúvio aparece já (embora em outro contexto e de maneira resumida) em “O sentido da Existência” (Gabriel, 2016b, p.72-74) - a série de palestras de que tornou-se o livro “o sentido da existência” foram proferidas em 2011, a versão alemã de “porque o mundo não existe” saiu em 2013 e a versão em inglês de “fields of sense” fora lançada em 2015. A manutenção do tipo de exemplo denota a continuidade dessas ideias no pensamento de Gabriel.

9Esta defesa consta no artigo: “os mundos de Wittgenstein” - No prelo, título provisório.

10Claro que precisamos aqui conceder que Wittgenstein pode ser analisado como tendo algum comprometimento ontológico. Apresentamos melhor as razões para lê-lo assim em “Os mundos de Wittgenstein” (Brito & G.a.c; forthcoming) mas, claro, devemos ter em mente que os autores aqui citados partilham de nossa opinião segundo a qual sim, há em Wittgenstein evidências de um comprometimento com alguma forma de metafísica ou ontologia.

realidade ou como mundo sem espectadores ou como mundo dos espectadores.” (Ibidem, p.13) o que o autor chamou respectivamente de zoontologia negativa e zoontologia positiva em *Fields of sense* (Ibidem, 2015, p.33-41) - Ora, o argumento de Gabriel é que para que hajam ilusões que apresentam-se a um sujeito é necessário primeiro que haja o sujeito junto com o contexto que lhe possibilita existir e ainda, claro, as ilusões (elas precisam existir, senão, como seriam experienciadas?) e saber ou acessar cada uma e ainda todas essas coisas seria, sempre, angariar conhecimento sobre a realidade. Não obstante, para que eu postule uma teoria que exclui o índice de subjetividade de si mesma, é necessário que ela seja, antes, postulada, isto é, proposta por uma subjetividade - por um sujeito. Tanto a exclusão quanto a supervalorização do sujeito seriam movimentos, assim, injustificados para Gabriel.

Por isso também Gabriel opõe-se ao Antigo Realismo: por parecer querer livrar-se daquilo que é lúdico, imaginado, e ficcional como menos real (Ibidem, 2016a, p.10-12).

É importante clarificar que nos anos de 1900 apareceram alguns pensadores com tendências realistas fortes, tal qual Donald Davidson, que considerava-se um realista estilizado (HUTTO, 1996, p.7) ou ainda, um realista em todos os âmbitos (GABRIEL, 2014). No entanto, tais autores abdicaram do termo “realista” justamente por pensarem, como Gabriel, que há uma opressão da “realidade mente-independente” sobre a “mente” de modo que, dentro do realismo metafísico, seria impossível ter de fato espaço para o saber humano. Assim, podemos ler na entrada Stanford sobre o filósofo o seguinte:

The question of truth lies at the heart of the realist/anti-realist controversy that was once a major concern of many Anglo-American philosophers. Despite his insistence on the indispensability of an irreducibly basic concept of objective truth, and his rejection of both sceptical and relativist positions, Davidson has been variously assimilated, at different times and by different critics, to both the realist and the anti-realist camps. Yet realism and anti-realism are equally unsatisfactory from a Davidsonian point of view, since neither is compatible with the holistic and externalist character of knowledge and belief. Realism makes truth inaccessible (inasmuch as it admits the sceptical possibility that even our best-confirmed theories about the world could all be false), while anti-realism makes truth too epistemic (inasmuch as it rejects the idea of truth as objective). In this respect, and as he himself makes clear (see 1990a, 2005b), Davidson does not merely reject the specific premises that underlie the realist and anti-realist positions but views the very dispute between them as essentially misconceived. This reflects a characteristic feature of Davidson’s thinking in general (and not just as it relates to realism and anti-realism), namely its resistance to any simple classification using the standard philosophical categories of the day. (MALPAS, 2023)

Isto nos auxilia a compreender porque é preciso uma renovação no que se chama de “realismo” - o que tem sido explorada pelos Realistas Especulativos e Novos Realistas. Esta renovação fora já prenunciada por alguns autores e, dentre eles, pode ser que Wittgenstein seja encontrado - a nosso ver, Hutto (1996) argumenta algo parecido em seu artigo sobre

Wittgenstein e o idealismo. Neste tanto Wittgenstein quanto Davidson são apresentados em suas críticas ao realismo metafísico e ao antirrealismo - assim como o Gabriel até aqui apresentado. Por isso parece ser ao menos inteiramente plausível uma vinculação entre estas três figuras e, portanto consequência, entre Wittgenstein e o realismo (não metafísico).

2.2 - Como Justificar o Realismo?

Seria útil, por fim, buscar compreender como Gabriel defende que de fato acessamos a realidade. Neste âmbito, ao menos duas perguntas precisam ser respondidas: (1) Gabriel defende um realismo direto e não apenas uma teoria do acesso direto: mas como? (2) Qual conjunto de conceitos possibilita-o produzir uma noção robusta de “realismo”?

É interessante respondermos a (1) porque há sempre a possibilidade de um ceticismo generalizado sobre o mundo (COMENSAÑA; KLEIN, 2019), isto é: como seria possível defender que acessamos à realidade como ela é e não estamos presos, antes, em ilusões? Dados estes modos céticos, poderíamos pensar que Gabriel defendesse uma teoria do acesso direto, mas não uma noção de um realismo direto. No entanto, ele afirma categoricamente: “we are nevertheless confronted with a world to which we have immediate access.” (GABRIEL, 2015, p.14). Como ele lida então com estes tipos de argumentos céticos?

Precisamos frisar que argumentos como estes podem ser encontrados desde a postulação do gênio maligno de Descartes até a noção do cérebro na cuba de Putnam, perpassando a noção de idealismo transcendental de Kant. (Ibidem, 2021, p.245254) A resposta a essa pergunta precisa começar pelo fato de que, para Gabriel, a divisão entre “ilusão” e “realidade” está, por princípio, equivocada. Como vimos, para ele tudo existe, exceto o mundo. Isto significa dizer que nossos estados mentais, simulações e mesmo ilusões são realidades, como afirma já em sua primeira grande obra, *Mitologia loucura e riso*:

a motivação explícita de Kant é uma crítica de toda metafísica possível (Que ainda não é ciência). O próprio projeto de Kant, portanto, é necessariamente posterior ao fato da metafísica: para haver uma crítica à metafísica, é preciso haver uma metafísica original; para denunciar a “ilusão transcendental”, primeiramente essa ilusão deve ocorrer. (GABRIEL; ŽIŽEK, 2012, p.7)

a acrescenta:

A nosso ver, essa superação ontológica das dicotomias epistemológicas (aparência versus coisa em si; necessidade versus liberdade etc.) pode efetivamente ser motivada pela intuição pós-kantiana de que o próprio modo de aparência ocorre no interior do númeno. Se considerarmos a oposição númeno e fenômeno como explicação para a finitude do conhecimento, deixamos de ver que essa oposição ocorre ex hypostesi no interior do próprio númeno. Dito de outra forma, todo o domínio da representação do mundo (que podemos denominar mente, espírito, linguagem, consciência ou outro medium que se escolha) precisa ser compreendido como um evento no - e no interior do - próprio mundo. O pensamento não é de

algum modo oposto ao ser, mas antes a replicação do ser em si mesmo. (Ibidem, p.10)

Não obstante, em *O sentido do pensar* se lê: “Modelos são eles mesmos parte da realidade” (GABRIEL, 2021, p.276). O mesmo aparece como crítica ao “neurocentrismo” em *Eu não sou o meu cérebro* da seguinte maneira:

Poder-se-ia, por exemplo, pensar que nosso Eu seja produzido pelo cérebro. (...) Se nosso Eu, porém, é produzido pelo cérebro, ele não pode sem mais ser idêntico a este. Isso porque se A é produzido por B, A e B não são, em todo caso, estritamente idênticos. Ou o nosso Eu é produzido pelo cérebro (p.ex. como ilusão útil à sobrevivência ou como interface de usuário de nosso organismo) ou ele é idêntico ao cérebro. É preciso já aqui se decidir ou pelo menos tentar obter clareza e coerência nessa questão, o que por exemplo Sam Harris perde de maneira especialmente drástica em seu livro *Free Will* [livre-arbítrio]. Isso porque ele de fato afirma que o Eu seria produzido pelo cérebro e, por isso, não seria livre.

Além disso, simplesmente não funciona fazer indiscriminadamente afirmações de que não somos livres porque o nosso cérebro toma decisões inconscientes e pensar, ao mesmo tempo, que sejamos idênticos ao nosso cérebro. Isso porque nesse caso seríamos novamente livres, pois o cérebro, por sua vez, não depende das decisões inconscientes de outro sistema. Se meu cérebro me conduz, mas eu sou meu cérebro, o meu cérebro se conduz, ou seja, eu conduzo a mim mesmo. A liberdade não seria, desse modo, ameaçada, mas sim explicitada. Em algum âmbito se aceitou a liberdade (Ibidem, 2018a, p.38-39)

Ora, o “Eu” visto como uma ilusão do cérebro se impõe como realidade mesmo que seja identificado ao próprio cérebro por ser produto dele. Mas, se por outro lado, for de fato algo distinto dele, como uma “ilusão útil”, então, ainda assim, o “Eu” existiria. Esta argumentação segundo a qual tudo existe esclarece-se ainda melhor na ontologia de Gabriel onde, por exemplo, na subseção “bruxas não existem” do capítulo 3 de *Porque o mundo não existe* expõe-se o argumento de que “existência” é sempre uma questão de contexto. Portanto é tanto verdadeiro que “bruxas existem” quanto que “bruxas não existem” porque “não afirmamos que bruxas existem num sentido generalizado e que as bruxas não existem num sentido generalizado: é sempre uma questão de contexto” (Ibidem, 2016(a), p.89).

Também uma passagem interessante em *Fields of Sense* defende de maneira bem astuta que a existência de algo tido como “ilusão” demonstra tal algo como simplesmente existente. O que leva ao mote: existência é aparição (ou manifestação) num campo de sentido (onde “sentido” é uma forma da própria coisa ser e não uma projeção) (Ibidem, p.67; 2022(b), p.42). Isso significa dizer precisamente, como Hegel, que ser é aparecer, ou ainda, que aparência é existência minimamente no sentido de que as aparências existem com tanta legitimidade quanto qualquer outra coisa. Assim ele utiliza o seguinte trecho de Hegel com o mesmo espírito:

A aparência é o negativo que tem um ser, porém em um outro, em sua negação: a aparência é o ser não autônomo que é, em si mesmo, autossuprassumido e é nulo.

Ela é, pois, o negativo que volta para si mesmo, ou a heteronomia que é em si mesma heterônoma. Essa relação consigo mesmo do negativo ou da heteronomia é sua imediatidade; ela é o outro do próprio negativo; ela é sua determinidade obtida contra ela mesma, ou é negação dirigida contra o negativo. Porém, negação contra o negativo é negatividade apenas em relação a si mesma: é a supressão absoluta da própria determinidade. (Hegel apud GABRIEL, 2012, p.66)

Ao afirmar que “o ser é pura negatividade” segundo a interpretação de Markus, o que Hegel quer dizer é justamente que o “ser” não existe enquanto substância privilegiada, antes, o ser é cada uma de suas aparições (e também as representações e ilusões) - no entanto, na visão de Hegel, a tendência filosófica geral é ver a aparência como falsidade, como algo que deve ser negado. Por isso, e aparência é o negativo que, por fim, é negado por ser algo que depende de outro para existir (ou seja, a aparência é aparência de algo, é preciso que haja algo do qual a aparência apareça como aparência - i.e; o ser) Justamente esse algo é o ser que não existe enquanto substância “mais real” que as aparências. Por isso ele é negação (não há o objeto de que ela seja aparência) contra negatividade (ela é um não ser, uma ilusão, algo menos real). Assim, ser é aparecer (manifestar-se).

Não obstante, poderíamos argumentar que, ainda que as ilusões sejam reais, persiste a intuição de que não temos meios para distinguir quando estamos em contato com a realidade “ilusiva” e quanto estamos em contato com a realidade “não ilusiva” - por assim dizer. Quanto a isso Gabriel apresenta um exemplo interessante de uma neurocientista atéia:

Let me just briefly illustrate this point with the help of Laura, the perfect futuristic neuroscientist. Laura Knows everything there is to know about hallucinations on the basis of her knowledge of the brain. However, poor Laura regularly suffers from a condition that causes her to hallucinate about Marry, the mother of God. In her hallucinations Mary always wears a blue dress and a golden crown. Now, given Laura's knowledge, she does not conclude that she sees Mary with her blue dress and golden crown. She is a radical atheist and does not believe in Mary in that sense. However, thanks to her neuroscientific knowledge, Laura is in a position to know something about highly specific events in her brain by being aware of Mary's blue dress. For Laura, Marry's blue dress is a direct evidence of neural event E or a cluster of such events C. She is not 'taken in' by the hallucination. Her case is, thus, similar to our veridical case where we know that there is a star very far away for where we stand by identifying a speck in the night sky as a star. Why would either of the cases be interpreted as a constituting evidence for interface scepticism rather than for direct openness (GABRIEL, 2015, p.15)

e conclui:

In other words, global hallucination scenarios do not really go beyond pointing out our fallibility with respect to what is the case; they do not establish that there might be epistemic intermediaries all the way up such that we are never able to make sense of unproblematic openness. (Ibidem, 2015, p.15)

O que nos transparece, portanto, é que, em geral, conseguimos reconhecer quando estamos “iludidos” ou “alucinando” no sentido de pensar que algo existe quando na verdade não existe (o que significa precisamente que a dicotomia realidade e aparência não está totalmente extinta como Gabriel mesmo admite em Everything and Nothing). Disto é possível

derivar que podemos reconhecer o que está para além das ilusões - mesmo num cenário cético cartesiano/dubitativo absoluto (COMENSAÑA; KLEIN, 2019) - pois se reconhecemos estar sob o efeito de ilusões, já postulamos uma série de noções sobre o que está para além dela (como o fato de que se há duas coisas na realidade não ilusiva, então há mais de uma).

Gabriel, no entanto, não concorda que estamos numa ilusão generalizada e oferece argumentos que advêm de Putnam e Wittgenstein sobre as relações sociais e como adquirimos a linguagem para contrapor a noção de que a ideia de uma ilusão generalizada é sequer plausível. Se ele é bem sucedido neste aspecto é uma outra questão (2021, p.250-276). Fato é que, ao admitir que tudo é real, sua posição é justificadamente caracterizada por Ferraris como “Hiperrealismo Transcendental” - estamos sempre em contato com a realidade, seja ela de qual tipo for (FERRARIS, 2016).

2.3 - Os conceitos basilares do Realismo em Markus Gabriel

Na sequência precisamos, claro, responder (2)¹¹. Embora o ponto (1) não seja retomado com vigor nos capítulos que se seguem, vale atentar para o fato de que (2) será crucial para o capítulo 3 de nosso texto. Assim, analisemos os dois conceitos que reputamos como basilares para o (Novo) Realismo de Gabriel segundo nossa leitura: os conceitos de fato (e facticidade) e de falibilidade. Começemos pelo primeiro. Por um lado, Gabriel asseve que existem sempre fatos. Assim, lemos em sua refutação ao niilismo metafísico:

Um fato é algo que é verdadeiro em relação a algo. (...) Em todo cenário imaginável existe, portanto, pelo menos um fato, no entanto, existem cenários imagináveis sem coisas. Outro experimento mental simples demonstra isso: Imaginemos que nada, absolutamente nada exista: tempo, espaço, suricatas, meias, planetas, sóis, nada disso. Nessa situação extremamente erma e triste, seria o caso que nada existe, e o pensamento segundo o qual nada existe nesse caso aparenta ser verdadeiro. Disso segue, porém, que também no nada ermo existe pelo menos um fato, ou seja, o fato de que se trata de um nada ermo. Esse fato, porém, de forma alguma seria nada. Pelo contrário, ele seria o fato absolutamente decisivo, a verdade sobre o ermo absoluto. Portanto, existe também no nada ermo algo, ou seja, aquilo que é verdadeiro ao nada ermo. Disso segue que é absolutamente impossível existir absolutamente nada. Pois é necessário que exista pelo menos um fato para que todo o resto possa não existir. (GABRIEL, 2016a, p.39)

Argumentamos que falta um passo final nesta explanação que garante que o “Novo Realismo” não seja um “Realismo Especulativo” que é justamente o problema do mundo, ou, como o chamaremos: “paradoxo da totalidade unificada”. Gabriel afirma que o mundo não

¹¹Vale lembrar que não é o caso que o Novo Realismo deixe de levar em consideração as críticas pós-modernas, como já colocamos anteriormente, Gabriel acata-as. No entanto, mesmo à luz destas, a modéstia do realismo especulativo demonstra-se indevida porque desnecessária, segundo Gabriel em sua ontologia (que exploramos adiante no texto)

existe e com isso ele quer dizer, em linhas gerais, que não é possível unificar tudo o que existe num campo que tudo abranja porque tudo que existe existe em contexto, logo, para que o mundo existisse ele precisaria de um contexto e, assim, nunca se chegaria ao “mundo” - ao todo (Ibidem, 2016a, p.73-81; 2016b, p.51-55). Deste modo, se existisse apenas o fato de que “nada existe” ele não poderia existir - porque ele seria a totalidade, mas para que o fosse precisaria de um contexto, logo, na verdade, ele não seria a totalidade - e, portanto, não existiria nem este fato, o que é impossível.

Assim Gabriel garante sua ontologia dos campos de sentido segundo a qual “tudo existe, menos o mundo” (Ibidem, 2016, p.9) - isso significa que, para ele, até bruxas existem, assim como não existem, porque a pergunta de “se” algo existe implica sempre, também, uma pergunta de localidade, isto é, “onde” este algo existe. Assim, bruxas existem em contos de fadas, mas não no bairro de Campo Grande. Com isso Gabriel estaria oferecendo uma solução para o problema de afirmações de existenciais negativos - isto é, o fato de que, ao falar que algo não existe me comprometo com a existência deste mesmo algo em algum nível - noção que Gabriel chama de “(Neo)Meinongianismo” (Ibidem, 2022, p.57-59)

Assim, uma das bases do Realismo, para Gabriel, é o fato de que não podemos escapar dos fatos, isto é, o argumento da facticidade (Ibidem, 2016b, p.22-23; 2016a, p.196) o que revela-se como um eco da noção enunciada por Bernard Williams e Adrian Moore de que “Alguma coisa existe, seja como for” (Ibidem, 2016b, p.41) - a “Facticidade” possibilita que a realidade exista para além de uma visão correlacionista mas não exclui da “realidade” aquilo que só existe a partir de sujeitos cognoscentes (como minhas ilusões, sentimentos, ou invenções artísticas).

Em conjunção a isso, a “Falibilidade” demonstra para o sujeito cognoscente que ele não está lidando com uma criação/construção própria (ao menos não totalmente própria) - ele reafirma a facticidade a partir das relações epistêmicas humanas. Por isso, na introdução de *O sentido da existência* Gabriel afirma: “Dada a nossa falibilidade, deveríamos deixar de uma vez por todas de pensar que realmente podemos viver em uma gigantesca bolha de razão autoproduzida circundada por uma incognoscível coisa em si.” (Ibidem, 2016b, p.22). Estas ideias ficam ainda melhor explicitadas no livro *Ética para tempos sombrios* onde Gabriel ressalta a importância da “Falibilidade” para o Realismo (para assim defender um realismo moral):

Nós, seres humanos, somos passíveis de erro com nossas reivindicações de verdade, o que é caracterizado na filosofia, como falibilidade. (...) Quem pode se enganar também pode estar certo. (...) Se nos enganássemos exclusivamente, ou seja, nunca

estivéssemos certos, então, também nos enganaríamos que nos enganamos sempre. (Ibidem, 2022a, p.128, 130)

Ora, a “Falibilidade” (nosso segundo conceito central) indica que estamos lidando com a realidade - com fatos - e, assim, sabemos também que sabemos não apenas uma, mas algumas coisas sobre a realidade, isto é: (1) que não posso transformá-la em todas as instâncias em que se me apresenta; (2) que não posso prescindir das condições que me condicionam; (3) que se há “aparências”, essas “aparências” devem ser, no mínimo, parecidas com a coisas com a qual aparentam - e daí já fica claro que temos muito conhecimento sobre a “coisa-em-si” segundo a avaliação de Gabriel. Por isso afirma: “Apenas não sabemos nunca tudo. Falibilidade não significa, justamente: completo desconhecimento do estado de coisas.” (Ibidem, p.182)

Em, *O sentido do pensar*, lemos uma asserção interessante sobre a noção de realidade em Gabriel vinculada justamente ao conceito de “Falibilidade”:

Realidade é a circunstância de que há objetos e fatos sobre os quais podemos nos enganar, pois eles não se resumem ao fato de que temos certas opiniões sobre eles. O real corrige nossas opiniões. Por causa da realidade de nossos pensamentos, podemos nos enganar mas também podemos ter razão (Ibidem, 2021, p.283)

Em sua palestra *Realism and Materialism* (Ibidem, 2014), Gabriel chega a afirmar que ser realista é conceber a ideia de que pode-se estar errado sobre qualquer coisa - a realidade dos objetos não dependeria, assim, de nossas crenças - nem mesmo a realidade de nossas crenças haja vista que podemos errar quanto a elas mesmas. Por isso ele se considera um “realista em todos os departamentos” e crê, não obstante, que se alguém é realista em um departamento, esta posição “infecta” tudo - não há lugar, nesta visão, para o antirealismo.

Essa noção é também reafirmada pelo conceito de “Inteligible Matter” exposto na mesma palestra (Ibidem, 2014). Segundo o autor expõe, o conceito de “matéria” fora introduzido por Platão para tratar da realidade que potencialmente se nos escapa quando tentamos alcançá-la (grasp it). Para Gabriel, tudo o que existe possui “inteligible matter” neste preciso sentido: há uma resistência, as coisas não são simplesmente como queremos que sejam - não podemos fazer com que um ônibus crie asas simplesmente por força da imaginação. O que não implica que as coisas sempre se nos escapem (que não possamos conhecer nada sobre elas) mas que sempre podem nos escapar. As coisas resistem, elas recuam de nosso pleno domínio - elas possuem “Inteligible Matter” (Ibidem, 2014) - isto significa que a falibilidade e o fato se encontram nesta formulação do conceito de “Matéria”.

Seria isso que Schelling teria querido dizer com a ideia de que o ser imemorial é somente aquilo que “por mais cedo que se chega, já está lá” (Ibidem, 2012, p.95)- há sempre

um excedente, uma não totalidade que fora explicitada por Gabriel já em sua primeira grande publicação ao lado de Žižek:

Em nossas visões de mundo espontâneas, descartamos essas inconsistências como índices de uma deficiência de nosso entendimento: a realidade é rica e complexa demais para nossas categorias abstratas, jamais seremos capazes de desenvolver uma rede conceitual apta a captar toda sua riqueza... No entanto, desde que se desenvolva uma sensibilidade teórica aguçada, cedo ou tarde notamos algo estranho e surpreendente: não é possível distinguir claramente as inconsistências de nosso conceito [de um objeto] das inconsistências que são imanentes ao próprio objeto. A própria coisa é inconsistente, repleta de tensões, debatendo-se entre diferentes determinações (GABRIEL; ŽIŽEK, 2012, p.22-23)

Isto posto, como já afirmamos anteriormente, e agora reforçamos, Gabriel e Žižek explicitam como a falibilidade e a facticidade encontram-se no conceito de “Matéria”:

o Real não desaparece aqui na peça global autorreferente das representações simbólicas: ele retorna vingativamente como a lacuna ou o obstáculo imaneente devido ao qual as representações jamais podem totalizar a si mesmas e permanecem sempre “não Todas” (Ibidem, p.22)

2.4 - Propondo uma definição de realismo (ainda que provisória)

Isto posto, podemos postular uma definição provisória e mínima para o “realismo” que dê conta das controvérsias contemporâneas quanto a como deve-se definir o “realismo” - isto é, aquilo que chegamos a definir como “realismo” precisa ser fmo o suficiente para estar como componente tanto do “realismo metafísico” quanto do “realismo especulativo” quanto do “novo realismo” e do “realismo genérico” - afinal, antes de serem “especulativo”, “genérico”, “metafísico” ou “novo” todos são “realismos” - ora, o que podemos aqui atestar como comum a todos para assim definir de forma mínima o conceito de “realismo”? Podemos definir da seguinte forma, seguindo o modelo da entrada Stanford:

Realismo:

Objetos existem e possuem propriedades - e isso, por vezes, é independente das crenças, práticas linguísticas ou esquemas de qualquer um. Não obstante, tratar destes objetos não implica ignorar o multiperspectivismo (cláusula implementada para dar conta da contribuição do Realismo Especulativo) e nem implica postular uma totalidade unificada e regulada (cláusula implementada para dar conta da contribuição do Novo Realismo).

3. OS WITTGENSTEINS PADRÃO

Não há um consenso quanto a em quantas “fases” pode-se dividir a filosofia de Wittgenstein. Usualmente afirma-se que existem ao menos dois o “primeiro” (ou “Early”) e o “segundo” (ou “Latter”) embora haja aqueles que advogam pela existência de um Wittgenstein intermediário (ou “Midlle”), como Matar e Bieltzki problematizam na entrada Stanford sobre o autor (2021). Há, por outro lado, aqueles que advogam pela existência de três Wittgensteins robustos e não apenas dois Wittgensteins e um momento de passagem - esta é a tese do livro antologia, *O terceiro Wittgenstein* editado por Moyal-Sharrock (2016). Neste, há uma coletânea de textos de diversos intérpretes de Wittgenstein que aderem a hipótese de que o *corpus* do autor Austríaco seria melhor dividido em três momentos e não em dois - lê-se na descrição da obra:

This anthology establishes the existence of a distinct and important post-investigations Wittgenstein, uncovering the overlooked treasures of the final corpus and crystallizing key perceptions of what his last thought was achieving. Speaking of a ‘third Wittgenstein’, this book seeks to correct the traditional bipartite conception of Wittgenstein’s thought into his *Tractatus* and Philosophical investigations by focusing on his neglected masterpiece, *On Certainty*, and works contemporaneous with it: *Remarks on Colour*, *Last Writings in the philosophy of psychology*, and *Remarks on the philosophy of psychology*. Leading international Wittgenstein scholars reveal why *On Certainty* should be recognized as one of Wittgenstein’s three great works. (MOYAL-SCHARROK, 2016, p.0?)

Dentre os autores que figuram nesta obra estão, além de Moyal-Sharrock, Avrum Stroll e Dan Hutto¹². É importante mencionar que Moyal-Sharrock leva em conta o fato já discriminado em nosso texto de que há aqueles que referem-se a três momentos de Wittgenstein incluindo entre o primeiro e o segundo um momento sutil de passagem - no entanto, mesmo assim as investigações filosóficas são pertencentes ao “último” Wittgenstein e não há um trabalho célebre (*Masterpiece*) da fase intermediária. Neste sentido ela e seus colegas opõem-se à divisão padrão, defendendo a noção de que há, antes, três obras filosóficas que demarcam momentos críticos da filosofia Wittgensteiniana - o primeiro pelo *Tractatus*, o segundo pelas *Investigações Filosóficas* e o terceiro pelo *Da Certeza* (MOYAL-SHARROCK, 2016, p.1). Não obstante, também nós, em nosso artigo, “Os mundos de Wittgenstein”, articulamos uma defesa para a existência de três Wittgensteins por um critério de “Realismo” auxiliado pela dissonância entre “Intencionalidade” e “Acessibilidade” no tratamento do conceito de “Mundo” em cada uma dessas fases (BRITO; CRUZ, No Prelo).

¹²Este último retornará mais a frente em nosso trabalho por conta de um artigo que coincide com nossa tese em graus que nos pareceram bastante interessantes

Seja como for, como o próprio trecho citado demonstra, em geral a obra *Da Certeza* é categorizada como pertencente da segunda grande fase de Wittgenstein e é exatamente sobre isto que se trata esta seção: como o Wittgenstein de *Da Certeza* é interpretado frequentemente como sendo uma subparte do “segundo Wittgenstein”.

Neste sentido, Fogelin, por exemplo, parece admitir de fato que existem apenas dois Wittgensteins, um primeiro voltado para o atomismo, para a privacidade e para o pensar e, por outro lado, um segundo voltado para o holismo, para a publicidade e para a ação (FOGELIN, 2017, 267-284). Segundo Mattar e Bilezki, a transição do primeiro (early) para o segundo (later) Wittgenstein baseia-se no intento filosófico de construir um arcabouço teórico que seja antidogmático e antireducionista, isto é, que não impeça a possibilidade de pesquisa nem se imponha como obstáculo contra o ímpeto de encontrar novas respostas por permanecer acomodado sob soluções que considere fixas e absolutas. (BILETZKI, MATAR, 2021). Por isso, o primeiro Wittgenstein seria melhor correlacionado com o dogmatismo metafísico e o segundo com um relativismo pluralista e perspectivista.

O pendor antidogmático de Wittgenstein que, a cada momento, parece vir sempre mais para a dianteira de sua teorização acabou por trazer um viés “antirealista” para os intérpretes de sua obra. Assim, Kuhn e Feyerabend, filósofos da ciência impactados pelas obras de Wittgenstein, não falam do “verdadeiro” ou do “real” mas do “útil” e “aceito” (CHALMERS, p.122-132, 173-183). Também Johnson e Lakoff, cientistas da linguagem que declararam abertamente o impacto de Wittgenstein em suas obras consideram-se experimentalistas, e não creem que a realidade precise parecer de fato com aquilo que se nos apresenta em nossas experiências cotidianas (JOHNSON, LAKOFF, 2003, p.xii).

Também os intérpretes do filósofo austríaco que se limitam à filosofia parecem tê-lo correlacionado fortemente ao idealismo de Kant, ao menos é isso que aponta o artigo “El problema del idealismo en el último wittgenstein” de José Oton no qual o autor busca opor-se à leituras segundo às quais Wittgenstein seria como um “correlacionista” em sentido Meillassouxiano: “En los últimos años se ha agudizado aún más este problema, dando como resultado interpretaciones que hacen del segundo Wittgenstein un pensador de tipo idealista.” (OTON, p.127). Assim, Gabriel, ao tratar do status quo anti-realista de nossa contemporaneidade filosófica, lista os “jogos de linguagem” (conceito central do “segundo” Wittgenstein) como um modo correlacionista/construtivista de filosofar:

Staring into the abyss of false thought (and its manifold manifestations) should not lead us to the false thought that thought as such somehow tends to falsity itself or to ground itself in opposition to reality.

It is fair to say that the upshot of twentieth-century philosophy is an overall realist turn uniting all traditions of (western) philosophy. In particular, the constructivist ‘orgies’ of constant sceptical self-denial of truth, deferral of commitment, meta-reflexivity, higher-order epochê, or *language game relativism* turned out to be misguided, as they could not accommodate the argument from facticity. If there will always be a point where we have to stop digging deeper or climbing higher, any methodology which presupposes that we couldn't in principle always ask another question is not an option anymore (Gabriel, 2018b, p.21 - grifo nosso).

Dentre os filósofos que se dedicam à uma leitura antirealista/construtivista de Wittgenstein podemos mencionar Williams, que percebe o filósofo austríaco, tanto em seus momentos iniciais como em sua filosofia tardia, como um idealista transcendental por, por um lado, sermos limitados pela linguagem e, por outro, por não podermos investigar estes limites com precisão - pois se pudéssemos nos retiráramos de nós mesmos e da experiência (Hutto, p.1-2). Também alguns livros bem aclamados foram publicados quanto à relações possíveis entre Kant e o Wittgenstein maduro que, por sua vez, dado o diagnóstico que temos de Kant a partir dos realistas, podem indicar como Wittgenstein é passível de ser colocado, realmente, como um antirealista. Dentre estes livros estão, como destaques: *Kant and post-tractarian Wittgenstein* de Bernhard Ritter (2020) e *Wittgenstein's copernican revolution* de Ílham Dilman (2002)

Por fim, é conveniente lembrar que ainda segundo Gabriel e conforme já denunciemos em nosso artigo *Quem são afinal o cético e o idealista no Da Certeza e porque isso importa*, Wittgenstein parece ter sido levado por uma modéstia injustificada advinda de um temor de recair na metafísica ao crer que, ao tratar da “realidade” automaticamente estaria fazendo também metafísica num sentido forte como o fizera no *Tractatus*. Assim, escrevemos e aqui reiteramos:

Para finalizar, Segundo Markus Gabriel, a decisão Wittgensteiniana é configurada por um desencantamento teórico e por uma escolha que pode ter parecido ao autor austríaco como única opção válida - o que não é uma verdade absoluta:

Heidegger e no acordar de Hans Blumenberg estavam certos em colocar que a ontoteologia ainda molda nossa imagem-de-mundo atual pelo próprio fato de que são imagens-de-mundo. Como Wittgenstein que fez observações similares em sua discussão sobre imagens-de-mundo e que sua filosofia não deveria ser representada como uma série de argumentos ou como uma teoria. Aqui eu discordo. Ser informado sobre as falhas da ontoteologia pressupõe insight nas falácias envolvidas na formação da ontoteologia. Superar a ontoteologia significa apenas dar diferentes argumentos em regiões abertas por ela. (GABRIEL, 2016, pg.23. Tradução nossa). (BRITO & G.A.C; 2023, p.55)

Da mesma forma, em seu ensaio sobre a contingência da necessidade, Gabriel faz um diagnóstico da filosofia tardia de Wittgenstein que pode, se não houver maiores especificações e esclarecimentos, direcionar o leitor a interpretar que Wittgenstein de fato é um correlacionista. Assim, lê-se:

Nesse contexto, Wittgenstein escreve que qualquer sistema doxástico - ou seja, qualquer sistema de crenças - cria uma “mitologia”, ou “imagem do mundo” como pano de fundo. Não é possível transcender uma dada mitologia sem gerar outra. É por isso que toda linguagem (incluindo a própria forma de apresentação [Darstellungsform] utilizada por Wittgenstein) inclui uma mitologia. “Toda uma mitologia está depositada em nossa linguagem”. (MITOLOGIA, p.36)

Se tal asserção, sendo verdadeira (como cremos ser), circunscreve Wittgenstein em um idealismo correcionalista e construtivista aos moldes de Kant (do kant descrito pelos Realistas Especulativos e Novos Realistas) será algo que buscaremos responder no capítulo seguinte. Por ora basta afirmarmos que há um padrão de interpretação segundo o qual o Wittgenstein que escreve *Da Certeza* está bastante distante do conceito de “Realismo” - em geral ele é tido como um “antirrealista”, “construtivista”, “correlacionista” ou “idealista” onde todos estes termos são razoavelmente equivalentes.¹³

¹³Vale apontar que Gabriel faz uma diferenciação entre “metafísica forte” e “metafísica fraca”, a metafísica fraca é ainda um de seus ofícios pois engloba, por exemplo, tratar de objetos que não sejam “físico-energético-materiais”. Por outro lado, a “metafísica forte” é aquela que busca uma regra do mundo, uma noção que perpassa e unifique tudo - Gabriel opõe-se a essa metafísica e, por vezes, chama-a apenas de “metafísica” - e a metafísica produz um “rulebook”, por assim dizer (2022b, p.55). Essa distinção aparece na palestra *Realism and Materialism* (2014) com nomenclaturas um tanto diferentes mas que servem o mesmo papel, a saber: “bad metaphysics” e “good metaphysics”.

4. WITTGENSTEIN E O REALISMO EM DA CERTEZA

4.1 - Observando intérpretes: O quão realista o Último Wittgenstein pode ser?

Não é verdade que nunca fora diagnosticado um realismo em Wittgenstein - mesmo no Wittgenstein mais maduro. No entanto, é útil que, de imediato, diferenciemos os tipos de realismo que são a ele atribuídos. Isto porque não é de pouca importância o fato de que o próprio Wittgenstein em seu *Da Certeza* opõe-se ao “Realismo” (DC, §§37, 59). Assim, poderíamos nos perguntar se ele de fato opõe-se ao Realismo como tal (Na forma de nossa definição proposta no fim do capítulo 01, por exemplo) ou se, por outro lado, opõe-se a um certo tipo de Realismo.

Quanto a estas distinções, existem aqueles que buscam vincular o último Wittgenstein ao Realismo Metafísico que atende pelo nome de “Naturalismo”. É possível que haja naturalismos não reducionistas, no entanto, de acordo com Markus Gabriel esta não é a tendência e, mesmo neste caso há problemas que assemelha-se ao reducionismo do naturalismo reducionista (GABRIEL, 2011, p.3-6; 2018b, p.19-32). De fato, ser naturalista parece significar ser um Realista Metafísico, isto é, alguém que postula a existência de uma totalidade organizada e coesa - que seria justamente a ideia de “Mundo” a qual Gabriel se opõe. José Medina, por exemplo, defende que há no último Wittgenstein uma tendência naturalista que não seria reducionista mas que, por outro lado, alguns tentaram relacionar Wittgenstein com o Naturalismo de Quine que teria, por sua vez, essa veia Metafísico-reducionista - como exemplos, Medina cita Arrington e Glock (MEDINA, 2016 p.79, 91).

Argumentamos na próxima subseção que o temor Wittgensteiniano de retornar aos seus hábitos delineados no *Tractatus* perpassa um temor de recair num reducionismo metafísico o que não lhe permitiria filiar-se a um naturalismo reducionista por exemplo - e nem a um Realismo Ingênuo ou Especulativo - ao menos não enquanto eles sejam reducionistas. Se estivermos corretos, conseguiremos demonstrar que é plausível a tese segundo a qual Wittgenstein aproxima-se fortemente do Novo Realismo de Markus Gabriel.

4.2 - Idealismo e Realismo são sempre opostos?

Lemos, por exemplo, no aforismo 321 de *Da Certeza*, Wittgenstein preocupado em soar “demasiadamente como o TLP (*Tractatus Logico-Philosophicus*)” (DC; §321). Como se pode inferir pelo trecho, o autor preocupa-se em postular uma “proposta” que seja “muito

geral” e que, por isso, mantém com relação à própria proposta uma “desconfiança” (ibidem).

Assim, lemos:

321. Digo mesmo: qualquer proposição empírica pode ser transformada num postulado - ela então se torna uma norma de representação. Mas contra isso teho igualmente uma certa desconfiança. A proposta é muito geral. Por pouco não se diz: “qualquer proposição empírica pode, teóricamente, ser transformada...”, mas o que significa aqui “teoricamente”? Isso soa demasiadamente como o TLP.

A questão da representação aqui já é interessante porque parece vincular o ser humano cognoscente (ou o grupo humano cognoscente) com o “mundo” ou “realidade” extralinguística - o que, no entanto, parece demandar justamente as “especulações teóricas” que remetem Wittgenstein ao seu *Tractatus*. Estas especulações, como abordamos no capítulo 2, vinculam-se a uma metafísica que pode ser compreendida como um “Realismo Metafísico”. Neste sentido, argumentamos que é exatamente contra este tipo de realismo contra o qual Wittgenstein se opõe. É importante mencionar que isto não fora observado apenas por nós, mas também por Hutto em seu esclarecedor artigo “Was the later Wittgenstein a Transcendental Idealist?”. Neste podemos ler o seguinte:

Arthur Fine also recognise this use of language as a symptom of the diseases of metaphysical realism and idealism. As he says all “the realist adds on [to a core acceptance of ordinary claims] is a desk-thumping, foot-stamping shout of ‘really’” (Fine, 1984, p.97). Likewise, the idealist (or antirealist) only contributes to “the core position is a particular analysis of the concept of truth.” (Fine, 1984, p.97). But Fine points out it is possible to take our ordinary claims at face value - without such addenda. He says of such a position that it describes the ‘natural ontological attitude’ and i think Wittgenstein subscribed to it” (HUTTO, 1996, p.10)

Aqui concordamos! Wittgenstein, nesta leitura, estaria buscando livrar-se do caráter opressivo da metafísica que faz-se presente (desde esta visão de mundo) em afirmações assertóricas sobre a realidade - tais quais “O mundo é tudo que é o caso” (TLP, §1). Afirmações assim parecem buscar referir-se a um fato eterno e imutável que, portanto, fecha-se sobre si mesmo moldando a realidade como estática e (se possível de ser apreendida) tornando aquele que afirma tais asserções o “dono da verdade”. Wittgenstein parece ter compreendido na passagem do *tractatus* para as investigações que não pode impor noções e axiomas que impeçam novas perguntas - isto é, o axioma segundo o qual o mundo é tudo que é o caso é questionável:

The idea that philosophy is not a doctrine, and hence should not be approached dogmatically, is one of the most important insights of the *Tractatus*. Yet, as early as 1931, Wittgenstein referred to his own early work as ‘dogmatic’ (“On Dogmatism” in *VC*, p. 182). Wittgenstein used this term to designate any conception which allows for a gap between question and answer, such that the answer to the question could be found at a later date. The complex edifice of the *Tractatus* is built on the assumption that the task of logical analysis was to discover the elementary propositions, whose form was not yet known. What marks the transition from early to later Wittgenstein can be summed up as the *total* rejection of dogmatism, i.e., as

the working out of *all* the consequences of this rejection. The move from the realm of logic to that of the grammar of ordinary language as the center of the philosopher's attention; from an emphasis on definition and analysis to 'family resemblance' and 'language-games'; and from systematic philosophical writing to an aphoristic style—all have to do with this transition towards anti-dogmatism in its extreme. It is in the *Philosophical Investigations* that the working out of the transitions comes to culmination. (BILETZKI; MATAR, 2021)

Por isso vemos Wittgenstein temer o fato de estar exprimindo-se de maneira muito semelhante ao tractatus (DC, §321): ele não quer ser um Realista Metafísico, não quer postular um plano unívoco ao qual ele tenha acesso e do qual possa falar de maneira plena (ele não quer postular um “Mundo” na linguagem de Gabriel). Por outro lado, e aqui citamos Hutto mais uma vez, parece ser verdade que Wittgenstein não está mais contente em manter-se tratando apenas daquilo que está dentro do reino da experiência humana, como parece ser o caso nas Investigações, onde nos transparece que muito pouco se fala sobre a “realidade”. Assim, concordamos com Hutto:

it does appear in the latter writings he no longer felt the force of the problem that had once brought him to confess that the Tractatus propositions were, because of their transcendental a priori nature, necessarily nonsensical (HUTTO, 1996, p.6)

Nossa concordância com a passagem se dá na seguinte instância: embora Wittgenstein, de fato, tenha tomado para si uma inibição quanto a tratar da realidade por um medo de recair na metafísica forte do tractatus, por outro, ele percebe que está descrevendo os jogos de linguagem de modo a, como Hutto parece observar, observá-los “de fora”. É justamente isto que observamos na ideia de que existe um lógico (isto é, um sujeito que ocupa-se da lógica) sendo que, segundo Wittgenstein, a lógica trata de descrever os jogos de linguagem (DC; §§56; 68) - retornaremos a isso na próxima subseção.

Retirando-nos dos comentadores e trazendo à tona, mais especificamente, o texto de Wittgenstein, podemos perceber que existem apenas dois trechos em *Da certeza* que citam o “realista” ou o “realismo”. O primeiro deles encontra-se no aforismo 37 - aforismo que já analisamos em *Quem são afinal o cético e o idealista em Da Certeza e porque isso importa* (BRITO; CRUZ, 2022) por citar também o “idealista”. O interessante que aqui gostaríamos de destacar é que, neste aforismo, o Idealismo é oposto ao Realismo:

37. Mas será uma resposta adequada para a dúvida do idealista ou para as garantias do realista [dizer que a proposição] “há objetos físicos” é absurda? Certamente, isso não é absurdo para eles. Mas uma resposta seria: essa afirmação, ou sua contrária, é

uma tentativa malsucedida de exprimir (algo) que não se pode para ser exprimido assim. (DC, §37)¹⁴

A oposição “idealismo” versus “realismo” parece ser aquela segundo a qual opõe-se a dúvida (ou afirmação negativa) sobre a realidade mente-independente existir e a afirmação de que sim, ela existe. Por isso, no artigo de Hutto, que busca desvincular Wittgenstein ao idealismo transcendental, lemos uma asserção interessante sobre o “realismo” de Davidson:

It certainly looks as if Davidson is a philosopher who supports the kind of aggregate idealism which Williams attributes to Wittgenstein. The big question, however, is whether or not Davidson's position is idealist. And here it is interesting to note that although he sponsors the trio of tenets that Williams regards as embodying Wittgenstein's idealism, Davidson is a self-styled realist. How can that be? (Hutto, 1996, p.7).

Neste sentido, o autor parece concordar que há uma incompatibilidade essencial entre Idealismo e Realismo - como se todas as variantes de Idealismo e Realismo coubessem na caixa da incompatibilidade entre um e outro. Mas afinal, será que o realismo e o idealismo precisam, de fato, ser opostos? Markus Gabriel afirma que não. Em seu *O sentido da existência* ele defende, de uma só vez, uma forma de realismo, uma forma de niilismo e uma forma de idealismo (p.94-100):

A posição que defendo é idealista no que se refere à própria concepção do sentido, niilista em relação ao “mundo” e realista interna no que se refere à existência. Qualquer coisa que existe é acessível. Esta é uma tese idealista. Nota-se rapidamente que o idealismo não exclui o realismo, sendo apenas uma perspectiva específica sobre acessibilidade. A acessibilidade incorpora-se na própria noção de determinação ontológica. Essa concepção pode ser chamada de Idealismo dependente de sentido. (GABRIEL, 2016b, p.94)

No idealismo dependente de sentido (que Gabriel herda de Brandon) há a perspectiva de que a cisão entre sujeito e objeto é precoce, antes, ambos são parte da realidade que se relaciona consigo mesma e, por isso, como afirmamos antes, temos sempre acesso à realidade de forma que, os vários “sentidos” das coisas, isto é, as várias formas como elas aparecem são justamente “modos de apresentação” - são modos que podem ser apreendidos ou percebidos por alguma mídia - no caso humano, há a mídia da visão, da audição, do olfato, e, para Gabriel, também a mídia do pensamento¹⁵.

Assim, se Wittgenstein opõe “Realismo” e “Idealismo”, fica claro, de antemão, que ele está pensando em uma determinada forma de “Idealismo” e uma determinada forma de

14A citação do realismo no aforismo 59 é muito mais uma crítica a Moore e sua tentativa de provar o “realismo” do que ao realismo. Nele lê-se: ““Eu sei” é aqui uma intuição lógica. Mas ela não permite provar o realismo.”

15Vale acrescentar que, para Gabriel, o pensar não é um meio de “inventar ideias sem nexo do zero” mas antes um meio de descobrir coisas sobre a realidade - essa é a tese do nooscópio de Gabriel que inclui o pensar como um sexto sentido (2016a, 186-192; 2021, 204-206).

“Realismo” que cabe ainda determinar. Já buscamos introduzir uma primeira definição quanto à forma de idealismo que Wittgenstein critica e, quanto aos resultados encontrados, mantemos em geral nossa posição (BRITO; CRUZ, 2023) - falta ainda relacionar com maior cautela o realismo criticado por Wittgenstein com os autores de sua época (e anteriores), mas de toda forma, podemos asserir com determinada segurança que Wittgenstein não está criticando toda forma de realismo porque nem toda forma de realismo opõe-se ao idealismo como podemos derivar do trecho que citamos de Gabriel.

O interessante, no entanto, é que também Davidson busca abstrair-se, como Wittgenstein, da querela entre idealismo e realismo, sendo, no entanto, uma inspiração para Gabriel que, na palestra *Realism and Materialism* (2014), afirma ter tido uma “resolução Davidsoniana”: a de ser realista em todos os setores.

No entanto, segundo Davidson, como já citamos, o idealismo parece não deixar espaço para a realidade mente-independente e o realismo parece não deixar espaço para os índices mentais de erro, ilusão e mesmo de vida abstrata (MALPAS, 2023). Neste sentido, parece ser razoável afirmar que tanto Wittgenstein quanto Davidson buscam afastar-se dos mesmos tipos filosóficos que Gabriel ataca sob o nome de “Antigo Realismo” ou “Realismo Metafísico” e, por outro lado, o que chama de “Construtivismo”, “Antirealismo”, “Pós-modernismo” e derivados. Resta buscar compreender se a posição de Wittgenstein, assim como a de Gabriel, ocupa um meio do caminho racional entre estas duas posições - o que uniria-os como realistas.

A partir de agora buscaremos demonstrar como a teoria dos jogos de linguagem parece apoiar-se numa espécie de Realismo, ao menos a partir de *Da Certeza*, que muito assemelha-se ao realismo dos Novos Realistas - mas não dos Realistas Especulativos porque, como vimos anteriormente, eles não excluem a ideia de mundo, ou melhor dizendo, eles não excluem a possibilidade de se produzir uma metafísica forte, que fale da totalidade homogênea e unificada que é o mundo regulamentado por regras eternas e fixas. Como Gabriel coloca, Wittgenstein quer evitar o procedimento de gerar um “rulebook” (GABRIEL, 2022b) que dê conta de toda a realidade de uma só vez (como fez no *Tractatus*) e transforme, com isso, a pluralidade do real em uma dada substância arbitrária, como Gabriel ironicamente asserre:

Em um de seus muitos aforismos, Friederich Nietzsche constatou: “Ao redor do herói tudo se transforma em tragédia, ao redor do semideus tudo se transforma em sátira; e ao redor de Deus tudo se transforma - em que? talvez em ‘mundo’?” Poderíamos acrescentar que ao redor do cientista natural tudo se transforma em universo, ou que ao redor do soldado tudo se transforma em guerra. Se acreditarmos que tudo o que existe ocorre no universo, cometemos o erro de acreditar que um campo de objetos

entre muitos é o todo. É como se acreditássemos que as plantas só existem porque estudamos botânica. (Ibidem, 2016a, p.32-32)

4.3 - O quão realista Wittgenstein pode ser? Uma exegese

Para analisar nossa questão com maior cautela, é interessante retornarmos à aliança que Hutto forma entre Davidson e Wittgenstein. Afirmamos, de imediato, que ela parece negligenciar a desconfiança Wittgensteiniana quanto a tratar da realidade. Isto porque, segundo expõe Hutto, Davidson compromete-se com uma relação entre “discurso” e “ambiente” (p.1996), no entanto, a noção de ambiente delineada no artigo parece ser algo dado - fatos que existem para além de nós e são consistentes. Por outro lado, Wittgenstein tem sérios receios em abordar fatos para além do jogo de linguagem.

A relação de Wittgenstein com os fatos parece ser, ao menos de imediato, parecida com sua relação com o conhecimento. Como já afirmamos em nosso trabalho anterior, conhecimento, para Wittgenstein, só ocorre dentro de um jogo - saber x só é verdadeiro se x for uma verdade dentro do jogo y (BRITO; CRUZ, 2022). Se o mesmo se aplicar aos fatos, então Wittgenstein não é apenas um relativista epistêmico mas um relativista ontológico: o que existe, o fato, muda de jogo para jogo - e isto é tudo a que temos acesso. Se esta for a posição final de Wittgenstein, de fato ele impõe-se como um idealista transcendental. Esta problemática evidencia-se, por exemplo, entre os aforismos 190 e 215 de *Da Certeza*. Por exemplo, no aforismo 191, lê-se:

191. Agora, se tudo depõe a favor de uma hipótese e nada contra - então ela é certamente verdadeira? Pode-se dizer isso. - Mas ela corresponde certamente à realidade, aos factos? - Com essa pergunta, tu já te moves num círculo.

O que Wittgenstein começa a demonstrar neste trecho é uma desconfiança quanto à noção de acessibilidade. Se retornarmos à tese de seu “medo tractiano” (de retornar ao *Tractatus*) podemos correlacionar o problema levantado em 191 ao fato de que a “correspondência” é um conceito central do *Tractatus* que, para Wittgenstein, acabou tornando-se muito vago. Assim, de fato, parece que a verdade de uma proposição encontra-se no jogo de linguagem. Esta noção é reafirmada, por exemplo, em 197, 199 e 200:

197. Mas seria absurdo dizer que tomamos alguma coisa por evidência porque ela é certamente verdadeira.

199. O uso de “Verdadeiro ou falso” tem algo de enganador, porque é como se disséssemos “corresponde aos factos ou não” e, no entanto, resta saber justamente o que aqui vem a ser “correspondência”.

200. Na verdade, “A proposição é verdadeira ou falsa” quer dizer apenas que tem de ser possível uma decisão a seu favor ou contra. Mas isso não diz como seria uma razão para uma decisão desse tipo.

A partir destes trechos retornamos ao problema de uma “regra geral” ou um “rulebook”: qual seria o critério (para usar um termo técnico) para preferir uma definição *x* à outra *y*? Observamos aqui que a posição Wittgensteiniana possui uma outra “perspectiva de acessibilidade” para retomar a fala de Gabriel - na verdade, Wittgenstein não parece deixar claro como ele conceberia as condições de acesso o que, mais uma vez, parece levá-lo a flertar com o idealismo (kantiano). O temor de recair na metafísica forte acaba por deixar uma “lacuna”. Assim o autor busca não fazer asserções quanto aos fatos para não gerar uma normatividade limitante - noção que é central segundo os autores da Stanford, na passagem do primeiro para o segundo Wittgenstein (Supra).

No entanto, contrastando com essa tendência anti-metafísica (e talvez, antirealista ou, desconfiada, no mínimo), Wittgenstein fala diversas vezes sobre uma espécie de “natureza humana” (DC, §§156, 211, 279, 284) e “natureza dos jogos” (DC, §§3, 45, 188). O ponto mais interessante, neste sentido, é o da existência do “lógico”, isto é, aquele que se ocupa da lógica. Sobre isso, Wittgenstein afirma:

56. (...) E tudo o que descreve o jogo pertence à lógica
68. A pergunta é: o que o lógico deve dizer nesse caso?

Ora, o lógico, portanto, é aquele que descreve os jogos de linguagem. Não obstante, Wittgenstein, por exemplo, compara pontos de vista que estão dentro de seus jogos de linguagem com aqueles que estariam para além dos mesmos: como isto é possível se não há uma harmonia geral entre os jogos, isto é, se não há uma espécie de natureza/essência - mas Wittgenstein afirma que há (§3) e, portanto, ele, como lógico, está agora a jogar uma espécie de meta-jogo-linguístico, o que significa que ele está produzindo conhecimento sobre todos os jogos o que parece colocá-lo para além dos jogos: no reino dos fatos brutos.

Uma primeira noção que nos parece ser lícito derivar do que fora até aqui postulado é aquela segundo a qual todos os jogos são jogos e isto significa, por sua vez, que é sempre possível abstrair-se de um jogo e passar assim para um outro que descreva o anterior (que lide com a lógica do jogo anterior sem, com isso, deixar de ser jogo). Esta é, em linhas gerais, a interpretação de Gabriel sobre a noção de mitologia em *Da Certeza*:

Qualquer tentativa de determinar nossa posição dentro do mundo - logo, qualquer tentativa de apreender o mundo pela (na) linguagem - gera um conjunto de certezas de fundo (objetivas), na acepção proposta por Wittgenstein: um conjunto de pressuposições inacessíveis que governam o discurso. (GABRIEL, 2012, p.35)

O trecho aborda especificamente a tentativa de formular uma teoria que dê conta de tudo o que exista - mas não parece diferir do processo segundo o qual busca-se descrever algum jogo de linguagem. Isto porque, se ao tentar descrever tudo, aparece um novo

framework de fundo, o mesmo ocorre no processo do lógico Wittgensteiniano de *Da Certeza* que está sempre envolvendo-se em “meta-jogos-linguísticos” por assim dizer: “Na verdade, não podemos sequer aplicar uma moldura a uma situação particular sem ter já a situação em vista, o que pressupõe a aplicação prévia de uma moldura.” (Ibidem, p.145).

Não obstante, outra noção que parece impor-se é aquela segundo a qual precisa-se poder dar conta das condições de possibilidade dos jogos, ou seja, daquilo que perpassa também os jogos que são meta-jogos: assim, chega-se a falar de “essência” ou “natureza” dos jogos, aquilo que todos eles são para além da prática do jogo - fala-se do ser, da ontologia do jogo de linguagem como um todo e, portanto, de sua relação com fatos que não são eles mesmos jogos de linguagem - embora mantenha-se a distinção entre eles com relação à semelhança de famílias.

Em outras palavras: embora Wittgenstein esteja afastando-se da metafísica desde as investigações, parece ser o caso que ele esteja aproximando-se, mais e mais, da realidade (dos jogos e do que é “mente independente”) em *Da Certeza*. Assim, o Realismo Metafísico é descartado, mas não o Realismo como tal. Como vimos anteriormente, o meio termo entre o Realismo Metafísico e o quietismo quanto à realidade que parece decair em um Idealismo-antirrealista é justamente o Novo Realismo.

De fato, este é o movimento que Markus Gabriel afirma ter sido feito quanto à filosofia idealista pós-kantiana. Para ele os idealistas pararam de inserir-se dentro do que nos aparece, “o fenômeno”, e começaram a se perguntar sobre as condições de possibilidade de nós como seres cognoscentes, o que dá à ontologia primazia caracterizando assim a “ontologia transcendental” (Supra). Wittgenstein parece, em seus escritos, formular um “jogo-linguístico-transcendental” que possui como característica o fato de ser um fato, isto é, fundamentado sobre suas próprias regras que podem ser, em muito, descritas (porque é exatamente isso que Wittgenstein faz).

Gabriel afirma que Fichte, por mais que tenha mantido-se no escopo kantiano das representações, chega, no fim de sua vida, à facticidade do saber, isto é, o fato de que há o saber e ele não é meramente uma invenção nossa. Igualmente, o fato de os jogos possuírem uma facticidade que os perpassa e que não é arbitrária (GABRIEL, 2012, p.36) leva-nos a entender que Wittgenstein é um ontologista, ao menos sobre os jogos: há o fato dos jogos e isso é uma realidade. Podemos errar nos jogos, o que nos leva à falibilidade. Como afirmamos anteriormente, “Falibilidade” e “Facticidade” são dois dos principais conceitos do Novo

Realismo. Neste sentido, no mínimo, Wittgenstein caracteriza-se como um realista robusto quanto aos seus jogos de linguagem.

No entanto, talvez seja possível levá-lo para além dos jogos. Por exemplo, no Aforismo 618, Wittgenstein afirma sobre a “realidade” caridosamente ocorrer causalmente. Também fala que todos os nossos jogos são afetados por fatos (DC, §§617). Claro que, como já afirmamos, os próprios jogos são também fatos, assim, jogos podem afetar jogos - mas Wittgenstein não faz essa distinção o que nos leva a pensar que há a assunção de fatos “jogo-independentes” que nos afetam, mesmo que não seja claro como podemos acessá-los e descrevê-los. Mas Wittgenstein fala sobre eles:

617. (...) Sim, não é óbvio que a possibilidade de um jogo de linguagem é condicionada por certos factos?

618. É como se o jogo de linguagem tivesse de ‘mostrar’ os factos que o tornam possível. (mas não é assim).

Pode-se dizer, pois, que só uma certa regularidade nos acontecimentos torna a indução possível? Evidentemente, o ‘possível’ teria de ser ‘logicamente possível’.

Ora, o que Wittgenstein está afirmando é que há “fatos não faláveis”, fatos mostrados, que são, portanto, extralinguísticos, existentes, e condicionam nossa possibilidade de jogar o jogo e sobre os quais podemos nos equivocar - porque não há uma forma exata de exprimi-los. Essa linha de pensamento é idêntica à do Novo Realista (ou, ao menos, muito parecida). Assim, discordamos de Hutto e em como ele finaliza seu artigo afirmando que precisamos nos retirar da querela “realismo” versus “idealismo” para termos paz e, portanto, escreve:

once cured of the philosophical tendency to bump our heads against the limits of language and the despite to use metaphysical language where we ought only employ everyday language, we wont be plagued by questions or worries about realism or idealism. It is this that brings about ‘The real discovery... the one that gives philosophy peace, so that it is no longer tormented by questions which bring itself in question’” (p.12)

No entanto, Wittgenstein teria admitido que suas afirmações sobre encontrar paz no não pensar sobre questões filosóficas era uma mentira (BILETZKI; MATAR, 2021), isto porque ele parece perceber que entre o Idealismo e o Realismo há um vão - vão esse que permanece em sua mente e torna-se evidente em suas tentativas de transpô-lo: mantendo sua atitude anti-metafísica, mas transpassando seus limites auto-impostos e abordando ideias como “natureza”, “essência”, “fatos” e colocando-se no papel do “lógico”, aquele que vê a natureza de todos os jogos de linguagem (ou algo do tipo, para além de suas (dis)semelhanças de família). Esta seria a lacuna do pensamento de Wittgenstein:

[Aqui há ainda uma grande lacuna em meu pensamento. E duvido se ela poderá ainda ser preenchida] (DC, p.283)

Neste sentido, Wittgenstein poderia ser tratado como uma espécie de proto-novo-realista: um pensador que está ciente dos perigos de postular uma regra universal que dê cabo de todos os problemas mas que também busque afastar-se de uma posição antirrealista. Antes, ele trata da facticidade e da falibilidade em múltiplos âmbitos sem ter certeza, no entanto, de como tratar a acessibilidade e a correspondência. Esta, para nós, é a lacuna do pensamento de Wittgenstein que o impede de ser colocado como um realista robusto (o que também, talvez, fosse anacronismo neste ponto) mas, certamente, todas as tendências do novo realismo aparecem de maneira paradigmática em Wittgenstein (DC, p.283).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Claro que o objetivo do presente trabalho não é esgotar a questão quanto ao realismo que está (ou não) presente em Wittgenstein. Antes, objetiva-se abrir novas possibilidades interpretativas para a obra do autor austríaco que tenham, não obstante, um impacto propositivo para a filosofia do século XXI em seu atual estado da arte. Com isso queremos dizer que a questão da presença ou ausência do Realismo pode ser considerada para além de uma querela abstrata e interpretativa.

Quanto a isso pensemos por exemplo em Gabriel (muito utilizamos em nosso trabalho) que defende um Neo Existencialismo - tese a partir da qual o ser humano não pode ser reduzido ao físico pois há uma parte sua abstrata que cuida de criar uma imagem de si mesmo segundo a qual ele guia-se pelo mundo - esta parte abstrata seria o “geist” ou o “espírito”. Seja como for, parece ser verídico que nos guiamos segundo várias crenças conscientes ou inconscientes, o que seria precisamente a função da ideologia, por exemplo.

Para Gabriel, por exemplo, a falta do realismo acaba por desdobrar-se em diversos problemas práticos dentre os quais nos vemos sem justificativas para a ética, ou mesmo sem justificativa para a arte e para a fruição, além da formação de uma auto-imagem cabisbaixa segundo a qual “melhor seria morrer”. Ora tudo isso se baseia, em muitos níveis, em crenças metafísicas sobre o que é a realidade e o que podemos conhecer dela e o que podemos fazer a respeito dela.

Por isso, na introdução de seu livro *O sentido da existência*, Gabriel anima-se em afirmar que, segundo sua perspectiva, a vanguarda da modernidade baseia-se justamente num movimento voltado para a ontologia (para a realidade e não apenas para representações ou objetos “socialmente criados” e “representações”):

Em termos gerais, a vanguarda filosófica do século XXI pode ser vista como um amplo regresso à ontologia, com novas ontologias sendo fundadas praticamente em todos os cantos, da França à Itália, do Reino Unido aos Estados Unidos, na Alemanha e na Sérvia, mas também em lugares inesperados como Beirute (Ray Brassier) ou o Cairo (Graham Harman). A nova “internacional” da filosofia funda-se de fato com um novo universalismo, que possibilita, entre outras coisas, uma variedade ontológica de comunismos, como o de Žižek e o de Badiou. Assim, a cena filosófica pós-pós-moderna, surpreendentemente, não poderia ser mais emocionante, e há considerável esperança para uma nova filosofia global. Esse movimento global é, em certo sentido, mais tranquilo se comparado às turbulências epistemológicas do século passado. Fundamentalmente não perturbados pela possibilidade do ceticismo, os filósofos simplesmente começaram a desenvolver novas vias ontológicas. (GABRIEL, 2016b, p.30)

Assim, considerar Wittgenstein um expoente do pré-realismo não é meramente um movimento acadêmico. É uma defesa da aplicabilidade da filosofia em nosso cotidiano. É o

fortalecimento das bases de uma filosofia relevante para a sociedade do século XXI para além de descrições críticas vagas e tratamento de “ficções”. Um Wittgenstein realista auxilia-nos a refletir sobre o realismo e sobre o estado de coisas na filosofia e na sociedade, trazendo assim novas bases pelas quais podemos progredir enquanto humanos.

Isto posto, esperamos ter cumprido a função de, ao menos, revelar a plausibilidade de uma leitura realista em Wittgenstein e, com isso, instigar novas pesquisas sobre autor como um todo. De fato, já alguns trabalhos estão sendo desenvolvidos e esperamos, com eles, clarificar ainda melhor as relações possíveis entre o autor Austríaco, o Realismo, o Ceticismo e o Idealismo que são nossos movimentos de predileção por (1) serem citados pelo autor; e (2) serem, como cremos, relevantes para nossos dias.

REFERÊNCIAS

BRITO, Rodrigo de. **The Skeptical dynamis and its pragmatic possibilities**. Amsterdã: Springer, 2022.

_____.;CRUZ, G. A. **Quem são afinal o cético e o idealista no Da Certeza e porque isso importa**. In: Revista Sképsis. Vol XIV, N.26, 2023, p.40-58.

BILETZKI, Anat; MATAR, Anat. **Ludwig Wittgenstein**. 2021. Ed. Edward N. Zalta. In: Stanford Encyclopedia of Philosophy. Link: <https://plato.stanford.edu/archives/win2021/entries/wittgenstein/>. Acesso em: 22/06/2023

CAMARGO, Eduardo; CARDOSO, Tarcísio; JUNGK, Isabel; POLICARPO, Clayton; SANTAELLA, Lucia. **Obras fundamentais do realismo especulativo**. In: Revista TECCOGS, N.12, 2015, p.29-35.

CHALMERS, A.F. **O que é a ciência afinal?** Trad. Raul Fiker. São Paulo: Editora Brasiliense, 2017.

COMENSAÑA, Juan; KLEIN, Peter. **Skepticism**. In: Stanford Encyclopedia of Philosophy, 2019. Ed. Edward N, Zalta. Link: <https://plato.stanford.edu/archives/win2019/entries/skepticism/>. Acesso em: 22/06/2023

DILMAN, İlham. **Wittgenstein's Copernican Revolution**. The question of linguistic idealism. Palgrave, 2002.

FERRARIS, Maurizio. **Sistema do hiper-realismo transcendental**. In: O sentido da existência. Para um novo realismo ontológico. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2016.

FOGELIN, R. J. **Reflexões Pirrônicas sobre o conhecimento e a justificação**. Trad. Israel Vilas Bôas. Bahia: Editora Universidade Federal da Bahia, 2017.

GABRIEL, Markus. **Ética para tempos sombrios**. Valores universais para o século XXI. Trad. Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022(a).

_____. **Eu não sou meu cérebro**. Filosofia do espírito para o século XXI. Trad. Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018(a).

_____. **Fields of Sense**. A new realist ontology. Edinburgh: Edinburgh University Press Ltd, 2015.

_____. **Is there a thing such as Everything?** in Everything and nothing. Cambridge: Polity press, 2022(b).

_____. **Neo-Existentialism**. How to Conceive of the Human Mind after Naturalism's Failure. Cambridge: Polity Press, 2018(b).

_____. **O sentido da existência**. Para um novo realismo ontológico. Trad. Bernardo Romagnoli Bethonico. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2016(b).

_____. **O sentido do pensar**. A filosofia desafia a inteligência artificial. Trad. Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

_____. **O ser mitológico da reflexão** - Um ensaio sobre Hegel, Schelling e a contingência da necessidade. *In: Mitologia, Loucura e Riso. A subjetividade no idealismo alemão.* Trad. Silvia Pimenta Velloso Rocha. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2012.

_____. **Porque o mundo não existe.** Trad. Markus Hediger. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016(a).

_____. **Realism and Materialism.** *In: Youtube*, 2014. Link
<<https://www.youtube.com/watch?v=wX1YMMKuSgs&t=102s>>. Acesso em: 22/06/2023.

_____. **Transcendental Otology.** Essays in German Idealism. New York: Continuum Studies in philosophy, 2011

_____.; ŽIŽEK, Slavoj. **Por um retorno ao idealismo pós-kantiano.** *In: Mitologia, Loucura e Riso. A subjetividade no idealismo alemão.* Trad. Silvia Pimenta Velloso Rocha. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2012.

_____.; HORN, Cristoph; KATSMAN, Anna; KRULL, Wilhelm; LIPPOLD, Anna Luísa; PELLUCHON, Corine; VENZEKE, Ingo. **Towards a New Enlightenment.** The Case for Future-Oriented Humanities. Alemanha: Deutsche Nationalbibliothek, 2022.

HARMAN, Graham. **Series Description.** *In: Fields of Sense. A new realist ontology.* Edinburgh: Edinburgh University Press Ltd, 2015.

_____. **Tool Being.** Heidegger and the Metaphysics of Objects. Chicago & La Salle: Open Court, 2002.

HUTTO, Dan. **Whas the latter Wittgensein a transcendental idealist?** *In: Current Issues in Idealism.* Ed. P. Coates; D. Hutto. New York: Thoemmes Press, 1996.

JOHNSEN, Mark; LAKOFF, George. **Metaphors We Live By.** London: The University of Chicago Press, 2003.

MALPAS, Jeff. **Donald Davidson.** *In: Stanford Encyclopedia of Philosophy.* 2023. eds. Edward N. Zalta; Uri Nodelman. Disponível em:
<<https://plato.stanford.edu/archives/sum2023/entries/davidson/>>. Acesso em: 22/06/2023

MEDINA, José. **Wittgenstein's Social Naturalism:** The idea of 'Second Nature' After the Philosophical Investigations. *In: The Third Wittgenstein.* ed. Danièle Moyal-Sharrock. New York: Routledge, 2016.

MILLER, Alexander. **Realism.** *In: Stanford Encyclopedia of philosophy.* 2021. Ed. Edward N. Zalta. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/win2021/entries/realism/>>. Acesso em: 19/06/2023.

MOYAL-SHARROCK, Danièle. **Introduction: the idea of a third wittgenstein.** *In: The Third Wittgenstein.* ed. Danièle Moyal-Sharrock. New York: Routledge, 2016.

OTON, José. **El problema del idealismo en el último Wittgenstein:** análisis crítico. *In: Anales Del Seminario de Historia de la Filosofía.* 1983.

RALÓN, Laureano. **Introduction.** *In: Everything and nothing.* Cambridge: Polity press, 2022.

RITTER, Bernhard. **Kant and Post-Tractarian Wittgenstein**. Transcendentalism, Idealism, Illusion. Switzerland: Palgrave, 2020.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Da Certeza**. Trad. Maria Elisa da Costa. Lisboa: Edições 70, 2020.